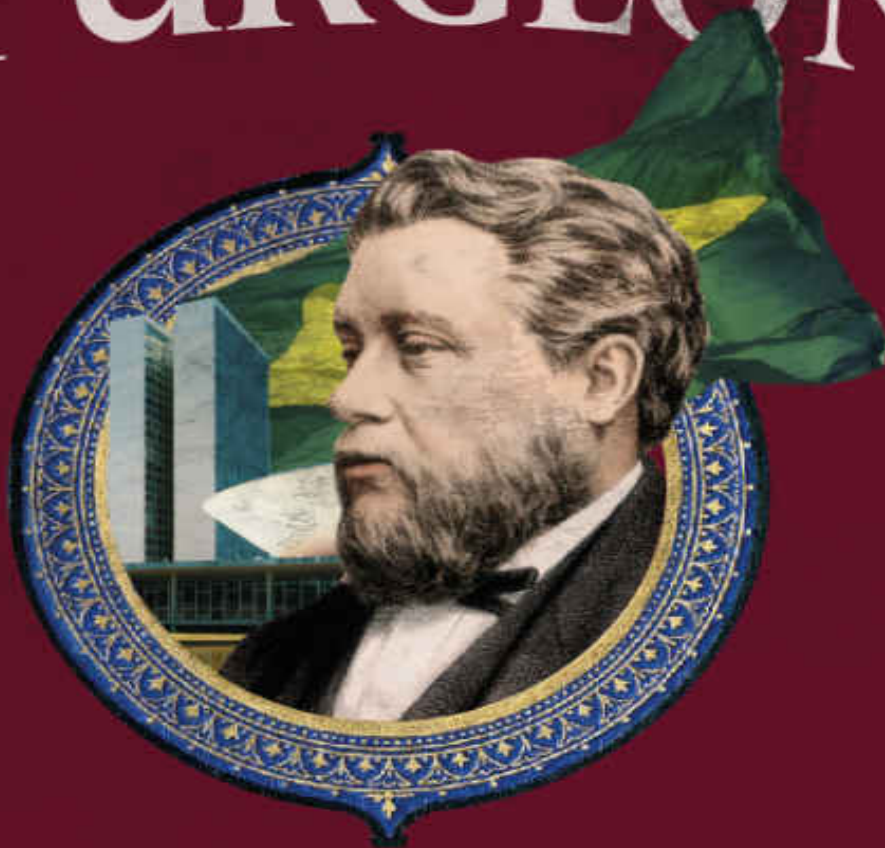


O MELHOR DE
**CHARLES
SPURGEON**



POLÍTICA E CRISTIANISMO

— Prefácio de Robinson Grangeiro —

GOD
books

O melhor de Charles Spurgeon - Política e Cristianismo

Traduzido por
Maurício Zágari

GodBooks

good
books®

Copyright © 2022 Editora GodBooks

Edição Maurício Zágari
Capa Marcus Nati

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (PDFs, eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Os pontos de vista dessa obra são de responsabilidade dos autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da GodBooks ou de sua equipe editorial.

Categoria: Cristianismo e sociedade

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

GodBooks Editora

Rua Almirante Tamandaré, 21/1202, Flamengo

Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP 22210-060

Telefone: (21) 2186-6400

Home page: www.godbooks.com.br

1ª edição: julho de 2022

Contents

[Title Page](#)

[Copyright](#)

[Apresentação](#)

[Prefácio da edição brasileira](#)

[Algumas perguntas retóricas](#)

[1. A Bíblia e as liberdades civis](#)

[2. Exercer o direito de voto como à vista de Deus](#)

[3. Não há lugar para Cristo entre os reis](#)

[4. União antibíblica](#)

[5. O que o ministro do evangelho deve pregar](#)

[6. Golpe fatal para a verdadeira religião](#)

[7. A César o que é de César e a Deus o que é de Deus](#)

[8. Um Dissidente Político](#)

[9. A política mais avançada sob o sol](#)

[10. Uma igreja mesquinha](#)

[11. O poder da Não Conformidade](#)

[12. Influência da religião na política](#)

[13. Quando a política cumpre a vontade de Deus](#)

[14. Regeneração nacional sem regeneração pessoal](#)

[15. Pregação santa](#)

[16. Prioridades: a política do coração](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outras obras da](#)

Conheça outras obras da





O MELHOR DE CHARLES SPURGEON — CRISTO, NOSSA PÁSCOA Charles Spurgeon

Este primeiro livro da coleção *O melhor de Charles Spurgeon* é formado pela união de dois sermões pregados por Spurgeon, em 1855, na New Park Street Chapel, em Londres. São duas mensagens que, juntas, formam uma bela unidade e se complementam, ao apontar Jesus como o nosso Cordeiro Pascal. A GodBooks convida você a se deleitar espiritualmente com as palavras divinamente iluminadas de Charles Haddon Spurgeon, que nos confrontam, desafiam e conduzem para perto de Jesus de Nazaré.



AVIVAMENTO — OBRA EXTRAORDINÁRIA DE DEUS **Augustus Nicodemus**

Neste livro definitivo sobre o assunto, Augustus Nicodemus usa de rigor na exposição da Palavra de Deus para desvendar o significado preciso e escriturístico de avivamento bíblico e combater todo ensinamento equivocado sobre o assunto. A obra, que conta com prefácio de Hernandes Dias Lopes, faz uma profunda análise sobre o sentido correto desse fenômeno tão desejado por todo cristão: o avivamento bíblico.

UNIDADE PERFEITA

A VONTADE DE CRISTO
PARA SUA IGREJA IMPERFEITA

▼
De SIMÃO • Cláudio COSTA MURIEL
De JO. DE CERRA • Fátima LABATUT
Carmen FALFARO • Igor MIGUEL
Jorge Amorim • Rômulo • Paulo H. ÁBRAHAM
Miguel • EUSTO JÚNIOR
Vitorino BELMONTE • William DOUGLAS
▲

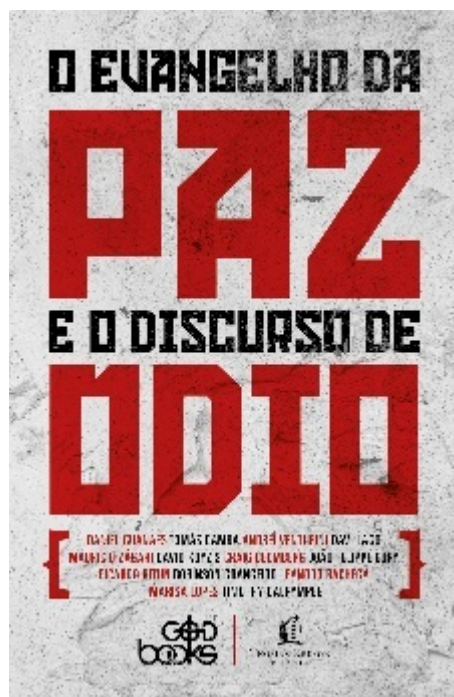
god
books

INCLUÍDO NA BDM
2017

UNIDADE PERFEITA

Durvalina Bezerra, Maurício Zágari, William Douglas, Igor Miguel, Carol Bazzo e outros

Em *Unidade perfeita*, onze autores de diferentes linhas do cristianismo refletem sobre os benefícios que advêm da unidade do corpo de Cristo e os malefícios decorrentes do sectarismo em áreas que vão desde a santidade pessoal e a influência da igreja na sociedade até os esforços missiológicos, acadêmicos e evangelísticos.



O EVANGELHO DA PAZ E O DISCURSO DE ÓDIO

David Koyzis, Craig Blomberg, Timothy Dalrymple, Robinson Grangeiro, Davi Lago, Maurício Zágari e outros

Três pensadores norte-americanos, um africano e nove brasileiros oferecem um diagnóstico preciso de como os cristãos têm agido em dias de polarização e ódio, propõem tratamentos e indicam um prognóstico, à luz da Bíblia. A constatação é unânime: algo não está certo, e alguma atitude precisa ser tomada. Acomodar-se não pode ser o caminho, pois significa tornar-se cúmplice — quando não promotor — de um estado de coisas que confronta a mensagem da cruz.

AUGUSTUS NICODEMUS

SEXO E SANTIDADE

VIVA SUA SEXUALIDADE
COMO DEUS A PLANEJOU

gato
books

SEXO E SANTIDADE

Augustus Nicodemus

Em tempos de grande confusão sobre a sexualidade sadia, muitos cristãos acabam imersos em questionamentos sobre como lidar com essa área de sua vida sem negociar a fidelidade a Deus. É possível extrair o máximo de prazer do sexo sem acabar imerso em pecado e culpa? Como podemos ter uma vida sexual plena, intensa e prazerosa diante de nossas inclinações e de uma sociedade que questiona incessantemente o sexo bíblico? É o que Augustus Nicodemus responde em *Sexo e santidade*.

HEBER CAMPOS JR

FELICIDADE VERDADEIRA



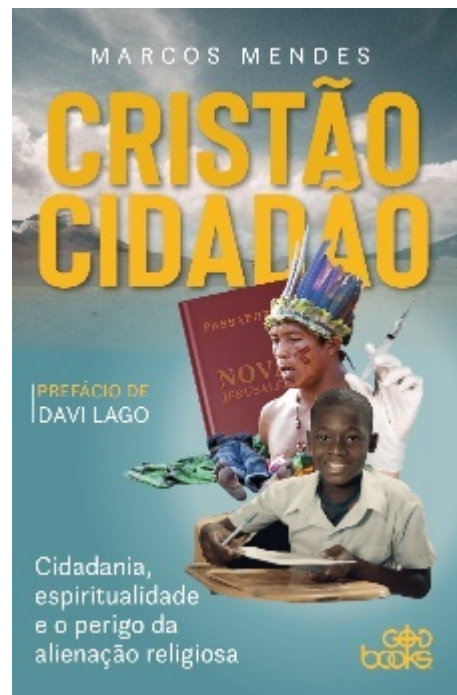
As lires afortunadas e o real
algun nos filhos de Deus

cap
books

FELICIDADE VERDADEIRA

Heber Campos Jr.

As bem-aventuranças são um tratado sobre a verdadeira felicidade cristã. Para que você possa compreender com exatidão o que é a real alegria de um filho e uma filha de Deus, à luz do evangelho de Cristo, é necessário determinar o que define a vida de quem é verdadeiramente regenerado pelo Espírito Santo. E é isso que Heber Campos Jr. faz, com primazia, em *Felicidade verdadeira*.



CRISTÃO CIDADÃO

Marcos Mendes

Grande parcela da igreja tem se mostrado irrelevante na transformação de realidades cruéis que atingem milhões de pessoas. Em grande parte, isso se deve a um pensamento que faz separação entre a espiritualidade e a cidadania do cristão. Este livro busca estimular cada cristão a tornar sua fé cada vez mais relevante na sociedade, com impactos de fato transformadores sobre o mundo ao redor.



UM CARÁTER MAIOR QUE O MINISTÉRIO

Felipe Freitas

Ao analisar o fenômeno do insucesso pastoral, que muitas vezes é acompanhado do abandono do ministério, Felipe Freitas estudou sobre a missão, a devoção, os desafios e a experiência de heróis da fé. A constatação é que todos os principais líderes da história da igreja tiveram algo em comum: *um bom caráter*. Com prefácio de Luiz Sayão, este livro propõe um caminho seguro e bíblico para um desempenho discipular de excelência.

Adquira: www.godbooks.com.br
Siga-nos nas redes sociais: [@editoragodbooks](https://www.instagram.com/editoragodbooks)

Deus nos fez nossos próprios governadores nestas Ilhas Britânicas, pois, por mais leais que sejamos à nossa Rainha, praticamente somos Césares para nós mesmos. Somos agora chamados a exercer um dos privilégios e deveres que acompanham a liberdade — que ninguém seja negligente com isso. Todo homem que teme a Deus deve dar seu voto com tanta devoção quanto ora.[\[1\]](#)

Charles Spurgeon

Apresentação

Charles Spurgeon foi um pregador altamente cristocêntrico. Suas pregações e seus artigos sempre foram de Cristo, por Cristo, sobre Cristo e para Cristo, característica que lhe garantiu extrema respeitabilidade em sua época e nas gerações seguintes. Por isso, é muito raro encontrar mensagens do Príncipe dos Pregadores que versem sobre temas que não sejam ligados ao evangelho de Jesus e ao reino de Deus, sempre com excelente embasamento bíblico. Portanto, a tarefa de investigar no material deixado por escrito por Spurgeon acerca de seu entendimento sobre a relação entre política e a fé cristã e entre igreja e Estado exige do pesquisador apuro e paciência.

Entre os milhares de artigos e pregações de Spurgeon deixados para a posteridade, pouquíssimos tratam unicamente de política. Em sua maioria, encontramos falas e textos de Spurgeon sobre a temática em meio a pregações que têm outros focos, em contextos mais abrangentes. Por isso, publicar um livro com conteúdo do “último dos puritanos” sobre *Política e cristianismo* demanda de um editor um demorado e atento trabalho de garimpeiro. E foi o que fizemos.

Ao longo de meses, a GodBooks investigou incontáveis escritos deixados por Spurgeon, em busca de falas que exprimissem sua visão bíblica e teológica acerca da complexa relação entre a fé cristã e a vida política e governamental. O resultado é o livro que você tem em mãos, um esclarecedor mosaico de trechos de pregações e artigos que busca, na soma, apresentar o entendimento bíblico do grande pregador acerca dessas questões — a fim de iluminar o leitor sobre temática tão em voga em nossos dias.

A leitura desta obra demanda alguns cuidados. Devemos nos lembrar do contexto em que viveu Spurgeon, a Inglaterra do século

19, mais de um século atrás. Por isso, é sempre importante ler as páginas a seguir pondo as palavras do autor em perspectiva histórica. Para facilitar a compreensão acerca de termos e conceitos mencionados por Spurgeon ao longo dos textos, a GodBooks entende que precisa dar algumas explicações principais.

Das vezes em que tratou do tema da relação entre igreja e Estado, Spurgeon o fez a partir do contexto em que vivia, sendo a Igreja Anglicana a oficial da Inglaterra. A isso ele se opunha aguerridamente, pois, como deixou claro em diferentes ocasiões, era radicalmente contra a oficialização da fé cristão pelo poder governamental. Nesse sentido, Spurgeon se alinhou ao que se convencionou chamar à época, em seu país, de movimento “Não Conformista” (do inglês, *Nonconformist*), também chamado “Dissidente” (do inglês, *Dissenter*). Seus adeptos eram reformadores ingleses que optaram por não se vincular à Igreja Anglicana e fundaram as próprias congregações religiosas, nos séculos 17 e 18. Entre eles, estavam membros de denominações como presbiteriana, congregacional, batista e metodista.

De início, os Não Conformistas tentaram promover uma reforma na denominação oficial do Estado, mas, depois, decidiram romper com ela, uma vez que, naquela época, a Igreja Anglicana, controlada pelo poder monárquico, carregava muitas semelhanças com a Igreja Católica Apostólica Romana. Assim, é natural que os Dissidentes tivessem como crença comum a separação entre igreja e Estado. Portanto, sempre que o leitor encontrar nos textos presentes nesta obra referências aos termos citados, devem compreendê-los a partir dessa perspectiva histórica.

É importante ressaltar que a GodBooks não tem nenhum interesse de criar animosidade contra a Igreja Anglicana, que a editora considera parte da igreja universal de Cristo, e que toda oposição expressa no texto por Spurgeon — e pelos Não Conformistas — precisa ser entendida dentro da perspectiva histórica em que viveu o autor. De forma alguma a editora almeja alimentar rejeições aos irmãos anglicanos, por quem nutrimos grande apreço como parte da família de fé.

Como muitas das referências de Spurgeon a questões da vida político-partidária ocorreram como menções pontuais dentro de

sermões mais amplos acerca de temas distintos, por questões práticas e com vistas aos objetivos desta obra, a GodBooks optou por inserir neste livro somente os trechos em questão, indicando em nota de rodapé onde o leitor pode encontrar, na internet, o texto completo dos sermões citados, a fim de, se tiver interesse, examinar todo o contexto em que Spurgeon fez cada citação.

Cabe ressaltar que a GodBooks deu a cada texto um título que entende ser focal em cada fala e que não necessariamente é o título do sermão ou artigo de onde foi extraído — que é citado em nota de rodapé.

Também é relevante informar que os textos foram ordenados neste livro de acordo com a data em que os sermões foram proferidos ou os artigos foram escritos, e abordam um período que vai de 1855 até 1890, abrangendo, portanto, 35 anos da vida do pregador, dos seus 21 anos até os 55, com todas as possíveis mudanças de entendimento que podem ocorrer no posicionamento de uma pessoa em mais de três décadas de vida. Chama a atenção, no entanto, a firmeza de opinião e a constância das posições de Spurgeon sobre os temas em questão.

Por fim, a GodBooks decidiu também incluir em notas de rodapé informações e esclarecimentos que o editor considerou relevantes para o maior entendimento do leitor acerca de pessoas, instituições e fatos que podem ser obscuros para o entendimento no público não inglês de nossos dias, além de referências bíblicas de citações feitas pelo autor. Tais informações e referências serão sempre indicadas com a abreviação *N. do E.*, isto é, *Nota do Editor*.

É desejo da GodBooks que este segundo volume da coleção *O melhor de Charles Spurgeon* traga reflexões saudáveis, que ajudem cada leitor a crescer em sua visão sobre a relação entre a espiritualidade e as questões ligadas à governança da *polis*, a partir das reflexões bíblicas propostas por esse relevante irmão em Cristo, conhecido e respeitado por seus posicionamentos e visões sempre tão vigorosamente cristocêntricos — e que continuam mais atuais do que nunca.

Boa leitura!

Maurício Zágari

Editor

Prefácio da edição brasileira

“Charles Spurgeon escreveu sobre política?!”

Se essa foi a sua reação a este livro, então você não está sozinho. Eu também fui surpreendido pelo amigo Maurício Zágari, editor da obra, quando me deu a honra de prefaciá-la, como faço agora em algumas poucas linhas. Afinal, “o príncipe dos pregadores” é conhecido por suas exposições bíblicas no Tabernáculo Metropolitano em Londres, que geraram mais de 3.560 impressos em 63 volumes, além de mais de 135 livros e milhares de pessoas alcançadas com o grande tema de Spurgeon: *o evangelho de Jesus Cristo*.

O grande mérito desta obra reside justamente em nos apresentar *lato sensu* o pensamento político do pregador, claramente arraigado em uma confessionalidade e uma cosmovisão cristãs.

O fruto do árduo trabalho do editor de ler nas entrelinhas das obras de Spurgeon, contextualizando a proclamação do reino de Deus com algumas reflexões sobre a controversa relação da política na cidade dos homens com a fé cristã, nos premia com a sutileza de fazer um recorte do pensamento não sistemático de Spurgeon sobre questões do lado de cá da eternidade, e não apenas da sua bendita e inestimável missão de embaixador dos céus. Eis aí o que reveste esta iniciativa de um valor singular.

De fato, a sistematização de uma filosofia política de fundamento cristão, feita por outros grandes nomes do cristianismo naquilo que hoje se chama de teologia pública, assim como a concepção de um programa de ação política, decorre naturalmente de uma reflexão devidamente cultivada e estruturada. Por conseguinte, essa abordagem intencional é muito menos tendente a senões e imprecisões passíveis de acontecer na comunicação verbal espontânea, típica da pregação, mesmo quando se sabe que

grande parte da fala de Spurgeon tenha sido claramente resultado de profunda reflexão e prévia preparação.

Portanto, as saliências espontâneas do pensamento político de Spurgeon, em meio a sermões, são como contornos geográficos quebrando a paisagem plana da Palavra de Deus que ele tão bem proclamou. Tais cursos de água derivados do fluxo caudaloso do evangelho são particularmente valiosos para os dias atuais, visto que, para desonra do ministério de alguns, cada vez mais a mensagem de Cristo tem sido cooptada como pretexto para legitimar ideologias várias no largo espectro da política hodierna.

A verdade de Deus é sempre a pedra de toque que desgasta o erro e faz brilhar a luz. Os temas propostos pelo editor, como provocações feitas a — que, depois de cada leitura, convidam a fechar os olhos e ouvir Spurgeon falando com a mesma paixão do Rei —, trazem a lume a relação entre *A Bíblia e as liberdades civis*, ou acerca da maneira de o cristão *Exercer o direito de voto como à vista de Deus*.

Spurgeon, na condição de “o último dos puritanos” — quem diria! — também fala, ainda hoje, para além das lições aos seus discípulos, sobre *o poder da não conformidade*.

Robinson Grangeiro Monteiro

Chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, pastor da Igreja Presbiteriana de Tambaú, em João Pessoa (PB), doutor em Educação, Arte e História da Cultura, doutor em Ministério pelo Reformed Theological Seminary em programa conjunto com o Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper, mestre em Psicologia Social e pós-graduado em Gestão de Pessoas pela Fundação Getulio Vargas (FGV), escritor e professor

Algumas perguntas retóricas

1. Não está toda a humanidade sob a lei de Deus? E onde e quando o Rei de toda a terra anunciou que as nações deveriam estar livres de seu controle e de todo reconhecimento de sua existência e autoridade?
2. Não deveria uma nação em todas as questões que envolvem necessariamente religião decidir por Deus, de acordo com sua Palavra, em vez de optar pela infidelidade? E quando uma questão é decidida por números, não tem todo cidadão a carga de uma parcela de responsabilidade, e não deveria ele votar escolhendo o lado do Senhor?
3. Se um governo nomeado para a gestão secular tiver de seguir princípios exatamente análogos aos de uma empresa que administra uma ferrovia, de modo que nenhum deles possa ir além de suas áreas de atuação, ainda assim o governo e a empresa não estão vinculados às leis de Deus — como, por exemplo, a que reserva um dia em sete para descanso? E pode qualquer um deles quebrar tais leis sem pecado? Se for verdade que ambos estão livres de toda fidelidade à lei de Deus, onde isso é afirmado ou implícito nas Escrituras?
4. Se um governo não tem nada a ver com religião, com que direito as casas públicas fecham aos domingos em determinadas horas? Por que os cinemas estão fechados no dia do Senhor? Por que os capelães são fornecidos para o Exército e a Marinha? Por que o Parlamento não se reúne aos domingos? Atrevemo-nos a desafiar os que acreditam no princípio não religioso a se esforçarem para realizar as inferências lógicas de sua própria afirmação; mas devotamente esperando que eles nunca tenham sucesso.
5. Se um governo deixasse totalmente de reconhecer Deus, ou em qualquer sentido, ele não se tornaria imediatamente religioso no pior e mais baixo sentido? E não seria para todos os efeitos e propósitos ateuísta? E não necessariamente por

desconsiderar o sábado, e de outras formas, se tornaria um governo perseguidor da fé cristã, pelo menos no caso de seus servos e funcionários? E não envolveria assim todos os seus súditos cristãos em uma parte de seu pecado?

6. Como o desrespeito à Palavra de Deus é uma religião tanto quanto o respeito a ela, e como os que declaram crer nessa religião são uma minoria da nação, é consistente com a justiça que o poder governante seja controlado pela fé negativa ou a não-fé da minoria, em outras palavras, por sua irreligião? Se não, então, em questões que necessariamente envolvem religião, o governo não deve decidir por respeito a Deus e sua Palavra?
7. Como a religião pode ser eliminada da educação, a menos que seja eliminada do próprio professor? Se os livros de história e ciência e as lições de leitura forem expurgados de todas as ideias religiosas, e a Bíblia for excluída, a obra não estará ainda assim incompleta até que formemos professores de caráter incolor, ou tão completamente destituídos de qualquer zelo que nunca vão intrometer sua fé em Deus, sua providência, sua Palavra, ou seu Filho?
8. Supondo que esse último fato seja realizado, que resultados benéficos e desejáveis provavelmente resultarão do ensino? Que resultados os cristãos Não Conformistas poderiam ver com prazer quando ajoelhados diante de Deus em intercessão por seu país?
9. Se for dito que as Escolas Sabatinas—[\[2\]](#) vão suprir a deficiência, está sendo lembrado que nas grandes cidades as escolas do governo reunirão principalmente aqueles que nunca frequentaram tais escolas e nunca frequentarão? Também está sendo lembrado que muitos pais da classe mais baixa, que agora enviam seus filhos para a Escola Dominical como sua única chance de aprender a ler, provavelmente os retirarão quando forem forçados a adquirir essa habilidade, ou pelo menos podem fazê-lo por nada em outro lugar?
10. É esta a liberdade pela qual nossos pais lutaram e sangraram e é esta a liberdade pela qual os Não

Conformistas sofreram e trabalharam — a liberdade de dizer *não* àqueles que pedem permissão para seus filhos lerem a Bíblia nas escolas do governo? Se for assim, a questão valeu o esforço?

11. Como agora ensinamos ao mundo, com considerável clareza, que o Estado não tem poder dentro da esfera da igreja, não seria melhor ensinar a lição adicional, que é necessária para equilibrar a primeira? A saber, que Deus é Rei sobre toda a terra, e que Jesus Cristo é Rei dos reis e Senhor dos senhores? Não é verdade que os parlamentos, os reis e as nações estão sob a lei de Cristo, e que quem quer que diga: “Rompamos as suas ataduras e lancemos as suas cordas de nós”, usa má linguagem aos homens cristãos?-[3]

1. A Bíblia e as liberdades civis

A liberdade é a herança de todos os filhos e filhas de Adão. Mas onde você encontra liberdade desacompanhada de religião? É verdade que todos os homens têm direito à liberdade, mas é igualmente verdade que você não a encontra em nenhum país exceto onde encontra o Espírito do Senhor. “Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade”.

Graças a Deus, este é um país livre. Mas por que é assim? Acredito que não seja tanto por causa de nossas instituições, mas porque o Espírito do Senhor está aqui — o Espírito da religião verdadeira e sincera. Houve um tempo, lembre-se, em que a Inglaterra não era mais livre do que qualquer outro país, em que os homens não podiam expressar seus sentimentos livremente, os reis eram déspotas e parlamentos eram nada além de um nome. Quem ganhou nossas liberdades para nós? Quem rompeu nossas correntes?

Sob a mão de Deus, digo, os homens de religião — homens como o grande e glorioso Cromwell,^[4] que teriam liberdade de consciência ou morreriam —, homens que, se não pudessem alcançar o coração dos reis, porque eram insondáveis em astúcia, atingiriam os reis por baixo, em vez de serem escravos.

Devemos nossa liberdade aos homens religiosos, aos homens da severa escola puritana — homens que desprezaram bancar covardes e negociar seus princípios sob o comando de homens. E, se algum dia quisermos manter nossa liberdade (como Deus conceda que possamos), ela será mantida na Inglaterra pela liberdade religiosa — pela religião.

A Bíblia é a Carta Magna da antiga Grã-Bretanha: suas verdades, suas doutrinas romperam nossos grilhões, e eles nunca mais poderão ser repostos, enquanto os homens, com o Espírito de Deus em seus corações, saem para falar suas verdades.

Em nenhuma outra terra, exceto onde a Bíblia é aberta, em nenhum outro reino, exceto onde o evangelho é pregado, você pode encontrar liberdade. Vagueie por outros países e fale com a respiração suspensa; você está com medo; você sente que está sob mão de ferro; a espada está acima de você; você não é livre. Por quê? Porque você está sob a tirania engendrada por uma religião falsa: você não tem protestantismo livre lá; e até que venha o protestantismo não pode haver liberdade.

É onde está o Espírito do Senhor que há liberdade, e em nenhum outro lugar. Os homens falam sobre ser livres: descrevem governos-modelo, repúblicas platônicas ou paraísos owenitas;-[5] mas são teóricos sonhadores; pois não pode haver liberdade no mundo, exceto “onde está o Espírito do Senhor”.

Comecei com essa ideia porque acho que os homens mundanos devem ser informados de que, se a religião não os salva, ainda assim ela fez muito por eles — foi a influência da religião que lhes conquistou suas liberdades.-[6]

2. Exercer o direito de voto como à vista de Deus

É extremamente desejável que nas horas de adoração e na casa de oração nossas mentes sejam, tanto quanto possível, despojadas de todo pensamento mundano. Embora os assuntos da semana lutem muito naturalmente conosco para invadir o dia sabático, é nosso dever guardar esse dia da intrusão de nossos cuidados mundanos da mesma forma que guardaríamos um oásis da esmagadora invasão da areia. Senti, no entanto, que hoje deveríamos estar cercados por circunstâncias de dificuldade peculiar em tentar trazer nossas mentes para assuntos espirituais, pois, de todos os tempos, talvez o mais improvável para obter algum bem no santuário, se isso depender de abstração mental, os tempos de eleição são os piores.

As questões políticas são tão importantes na mente da maioria dos homens que — muito naturalmente, após a correria da semana, combinada com a cativante aproximação das eleições — somos capazes de trazer os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos para a casa de oração e especular, talvez, mesmo no local de culto, se um conservador ou um liberal vai assumir nosso bairro. Ou se para a cidade de Londres será eleito o lorde John Russell, o barão Rothschild ou o senhor Currie.

Por isso, pensei, esta manhã, que seria inútil tentar parar esse grande trem em seu avanço. As pessoas estão discutindo essas questões num ritmo acelerado. Acho que serei sábio e, em vez de tentar desviá-las dos trilhos, vou eu fazer um desvio, para que continuem sua busca com a mesma avidez de sempre, mas em uma nova direção. Seguirei no mesmo trilho. Elas ainda estarão com o pensamento fixo na eleição, mas talvez eu tenha alguma habilidade para mudar o ponto de vista, de modo que possam considerar a eleição de uma maneira bastante diferente.

Quando solicitaram, certa vez, ao senhor Whitefield-[7] que usasse sua influência em uma eleição geral, ele respondeu a quem lhe solicitou que sabia muito pouco sobre eleições gerais, mas que, se o solicitante seguisse seu conselho, ele “confirmaria a vocação e a eleição”-[8] pessoais, o que foi uma observação muito apropriada.

Eu não diria, no entanto, a qualquer das pessoas aqui presentes que desprezassem o privilégio que têm como cidadãos. Longe de mim fazê-lo. Quando nos tornamos cristãos, não deixamos de ser ingleses. Quando nos tornamos professores de religião, não deixamos de ter os direitos e privilégios que a cidadania nos concedeu. Sempre que tivermos oportunidade de exercer o direito de voto, usemo-lo como à vista do Deus Todo-poderoso, sabendo que em tudo seremos cobrados e também por isso, entre outras coisas, visto que nos é confiado.

E lembremo-nos de que somos nossos próprios governantes, em grande medida, e que, se na próxima eleição escolhermos governantes errados, não teremos ninguém para culpar a não ser a nós mesmos, por mais errados que possam depois agir, a menos que tenhamos toda a prudência e oremos ao Deus Todo-poderoso que direcione nosso coração a uma escolha certa nesse assunto.

Que Deus nos ajude e que o resultado seja para sua glória, por mais inesperado que seja para qualquer um de nós!-[9]

3. Não há lugar para Cristo entre os reis

“Então Maria deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou o menino e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.” (Lc 2.7). [...] O texto diz que ele foi posto em uma manjedoura porque não havia lugar para ele na hospedaria, e isso nos leva à [...] observação: havia outros lugares além da hospedaria em que não havia lugar para Cristo. Os palácios dos imperadores e os salões dos reis não ofereceriam refúgio ao estrangeiro real?

Infelizmente, meus irmãos e irmãs, raramente há espaço para Cristo nos palácios! Como os reis da terra poderiam receber o Senhor? Ele é o Príncipe da Paz, e eles se deleitam na guerra! Ele quebra seus arcos e corta suas lanças ao meio; ele queima seus carros de guerra no fogo. Como os reis poderiam aceitar o humilde Salvador? Eles amam a grandeza e a pompa, e ele é todo simplicidade e mansidão! Ele é filho de um carpinteiro e companheiro de pescadores. Como os príncipes podem encontrar espaço para o monarca recém-nascido?

Ora, ele nos ensina a fazer aos outros o que gostaríamos que eles fizessem a nós, e isso é algo que os reis achariam muito difícil de conciliar com os truques astutos da política e os desígnios gananciosos da ambição! Ó, grandes da terra, estou pouco surpreso que, em meio a suas glórias, prazeres, guerras e seus conselhos, vocês se esqueçam do Ungido e expulsem o Senhor de Tudo!

Não há lugar para Cristo entre os reis. Olhe para todos os reinos da terra agora e, com uma exceção aqui e ali, ainda é verdade: “Os reis da terra se levantam, e as autoridades conspiram contra o Senhor e contra o seu Ungido”.^[10]

No céu, veremos aqui e ali um monarca; mas, ah, quão poucos. De fato, uma criança poderia escrever sobre eles: “Não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento”.^[11]

Câmaras de Estado, gabinetes, salas do trono e palácios reais são tão pouco frequentados por Cristo quanto as selvas e os pântanos da Índia pelo viajante cauteloso! Ele frequenta barracos com muito mais frequência do que residências reais, pois não há lugar para Jesus Cristo em salões reais.

“Quando o Eterno curva os céus
Para visitar as coisas terrenas,
Com desprezo divino ele desvia seus olhos
Das torres dos reis altivos!
Ele manda sua terrível carruagem rolar
Longe dos céus,

Para visitar cada alma humilde
Com prazer em seus olhos.”[12]

Mas havia senadores, havia fóruns de discussão política, havia os lugares onde os representantes do povo fazem as leis, será que não havia lugar para Cristo ali? Ah, meus irmãos, nenhum lugar! E até hoje há muito pouco espaço para Cristo nos parlamentos. Quão raramente a religião é reconhecida pelos políticos! Claro que uma religião de Estado, se consentir em ser uma coisa pobre, mansa, impotente, um leão com os dentes todos serrados, a juba toda raspada e as garras aparadas — sim, isso pode ser reconhecido! Mas o verdadeiro Cristo, e aqueles que o seguem e ousam obedecer às suas leis em uma geração má, que espaço há para eles?

Cristo e seu evangelho — oh, isso é sectarismo, e dificilmente é digno de nota! Quem implora por Jesus no senado? Não é sua religião, sob o nome de sectarismo, o grande terror de todos os partidos? Quem cita sua regra de ouro como uma direção para primeiros-ministros, ou prega o perdão à semelhança de Cristo como regra para a política nacional? Um ou dois falarão algo bom dele, mas, se for posto em votação se o Senhor Jesus deve ser obedecido ou não, levará muitos dias até o sim.

Partidos, políticos, interesseiros e os que buscam prazeres excluem o Representante do céu de um lugar entre os representantes da terra!-[13]

4. União antibíblica Um dia de ação de graças pela colheita abundante possivelmente receberia objeções ao ser determinado ou sugerido pelo governo. Certos irmãos são tão excessivamente delicados em suas consciências sobre o ponto de conexão entre a igreja e o Estado que teriam pensado que seria quase uma razão para não serem gratos se o governo lhes tivesse recomendado celebrar um dia de ação de graças pública.

Embora eu não ame a união antibíblica de igreja e Estado, nesta ocasião eu teria saudado um pedido oficial de reconhecimento nacional da bondade especial de Deus. No entanto, nenhum de nós pode sentir qualquer objeção surgir em nossa mente se agora concordarmos que hoje louvaremos nosso sempre generoso Senhor e, como ajuntamento, registraremos nossa gratidão ao Deus da colheita.

Somos provavelmente o maior ajuntamento de cristãos do mundo, e é bom que demos o exemplo às igrejas menores. Sem dúvida, muitos outros crentes seguirão nossos passos e, assim, uma ação de graças pública se tornará geral em todo o país. Espero ver cada congregação na terra levantar uma oferta especial ao Senhor, para ser dedicada à sua igreja, aos pobres, às missões ou a algum outro fim santo. Sim, eu gostaria que cada cristão oferecesse voluntariamente ao Senhor, como um sinal de sua gratidão ao Deus da providência. [\[14\]](#)

5. O que o ministro do evangelho deve pregar

“Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que ele está encoberto” (2Co 4.3) — Neste versículo e no seguinte, temos uma descrição muito breve, porém muito completa, do que todo ministro do evangelho deve pregar.

Em primeiro lugar, ele deve pregar o evangelho — não metafísica, não política, não mera moralidade, não simplesmente doutrinas. Ele deve pregar o evangelho, que significa boas novas, algo novo e algo bom, tão bom que nada mais pode igualá-lo — as boas novas de misericórdia para os culpados, as abençoadas novas de Deus descendo ao homem para que o homem possa subir a Deus, as boas novas da expiação feita pela culpa humana! Elas são novas e boas e surgem como uma estranha novidade para o ouvido atento.

A mitologia nunca sonhou com isso, a inteligência humana nunca poderia tê-lo inventado, mesmo o intelecto angelical não poderia ter inventado um esquema “tão justo para Deus, tão seguro para o homem”. A tarefa do ministro cristão é pregar essas boas novas, proclamar aos pecadores as boas novas de que há um Salvador, levar o culpado a Cristo e estar constantemente dizendo a cada pecador individual: “Creia no Senhor Jesus Cristo e você será salvo”.

Não me importa qual seja a erudição ou a eloquência do ministro, embora ele possa falar com a língua dos homens e dos anjos, se ele não pregar a Cristo e convidar os pecadores a confiarem nele, errou em sua missão e perdeu o grande objetivo para o qual foi enviado!-[15]

6. Golpe fatal para a verdadeira religião A igreja cristã é um objeto conspícuo demais do amor divino para não ser o alvo da malícia dos poderes das trevas. Desde o momento em que a igreja nasceu, Satanás, como Herodes, tentou destruir a criança — e, se as chamas da perseguição e as invenções da heresia pudessem ter destruído a igreja, ela já teria sido destruída há muito tempo.

Houve períodos distintos ao longo da história da igreja em que o inimigo veio sobre ela, com ataques mais do que excepcionalmente terríveis e eficazes. Quão terrível foi o ataque à igreja primitiva quando Pedro foi posto na prisão, tendo Tiago já sido morto à espada. Herodes planejou destruir todo o grupo de seguidores do desprezado Nazareno e, depois dele, o zelo farisaico de Saulo os perseguiu até a morte. Mas o Espírito de Deus rapidamente corrigiu todas as ações de Herodes, e as perseguições dos fariseus encontraram uma rejeição mais eficaz quando o próprio líder deles se converteu — e Saulo de Tarso tornou-se Paulo, o apóstolo aos gentios.

O poder espiritual que repousava sobre a igreja nos primeiros tempos era suficiente para sua proteção contra a malevolência de seus inimigos. Não apenas isso, mas era tão poderoso que lucrava com o que era para seu dano. O zelo da igreja transformou suas perseguições em carros de fogo, nos quais ela avançou triunfantemente até os confins da terra. Satanás provocou uma série de perseguições que vocês, que estão familiarizados com a história, se lembrarão de ter sido do tipo mais feroz. Podemos comparar essas perseguições à fornalha de Nabucodonosor quando foi aquecida sete vezes mais, mas não tanto quanto o fogo que passou sobre a igreja!

O jogo da perseguição terminou e terminou com a derrota total do perseguidor, pois você não se lembra como os santos se ofereceram para morrer e até suspiraram pela coroa dos mártires? Os jovens compareceram perante os tribunais; jovens, eu disse? Velhos apoiados em seus cajados, mulheres e até mesmo criancinhas foram ao tribunal e gritaram que eram seguidores de

Jesus. As prisões estavam cheias de cristãos, e os anfiteatros saturados de sangue. O espírito de santa ousadia era tão abundante que o inimigo ficou perplexo. Empanturrado de sangue, ele se voltou com repugnância pelo assassinato da ovelha inofensiva que antes era um luxo tão grande para ele.

O Espírito de Deus, que deu aos cristãos uma coragem indomável que os tornou, por assim dizer, insensíveis à dor e desafiadores da morte em sua forma mais medonha, ergueu um estandarte contra a fúria do inimigo. Então Satanás mudou suas táticas, e fez com que Constantino, o pagão batizado, professasse tornar-se cristão. Ele, por razões de Estado e política sutil, fez do cristianismo a religião nacional e, assim, desferiu o golpe mais terrível no coração do cristianismo!

A união da igreja com o Estado é um golpe fatal para a verdadeira religião. A mão do rei, onde quer que caia sobre a igreja de Cristo, traz consigo o mal do rei. Nunca houve uma igreja cuja espiritualidade sobreviveu a esse mal, e nunca haverá. O reino de Cristo não é deste mundo e, se tentarmos casar a igreja de Cristo com um reino mundano, engendraremos inúmeras maldades.

Então aconteceu que, quando a igreja se tornou exteriormente gloriosa, ela se tornou espiritualmente inferior. Sua mesa de comunhão brilhava com pratos de ouro e prata, mas sua comunhão com Cristo não era tão dourada quanto antes. Seus ministros enriqueceram, mas sua doutrina foi empobrecida. Para cada grama de ouro exterior que ela ganhou, perdeu um tesouro da graça divina. Seus bispos tornaram-se senhores e seus rebanhos ficaram famintos. Seus humildes lugares de encontro foram trocados por grandes basílicas, mas a verdadeira glória de Deus se foi. Ela se tornou como os pagãos ao redor e começou a erigir as imagens de seus santos e mártires, até que, finalmente, após anos de declínio gradual, a Igreja de Roma deixou de ser a igreja de Cristo, e aquela que antes era nominalmente a igreja de Cristo realmente se tornou o Anticristo!

A escuridão negra cobriu as terras, e a era das trevas se instalou quando, em vez do perdão comprado com o sangue de Jesus, falsos sacerdotes fizeram mercadoria de almas, e perdões foram apregoados nas ruas; quando, em vez de diáconos e anciãos

adornados com santidade e pureza, monges, freiras, padres e até papas se tornaram monstros de imundície; quando, em vez da justificação pela fé, os homens proclamaram a justificação pelas peregrinações e pelas penitências; quando o crucifixo tomou o lugar de Cristo Jesus, e um pedaço de pão foi erguido como um deus, e os homens se curvaram diante dele e disseram: “Estes são os teus deuses, ó Israel, que te redimiram da ira vindoura”.

O que foi feito nesta emergência? Durante todo aquele longo, longo período de escuridão, o Espírito de Deus ergueu um estandarte entre os poucos fiéis. Lá em cima, nos Alpes cobertos de neve e nas profundezas dos vales isolados do Piemonte, o Senhor manteve vivas as “duas testemunhas” da verdade; os albigenses e os valdenses, caçados como perdizes nas montanhas — eram os porta-estandartes de Deus e mantinham aquela linha ininterrupta de verdadeira sucessão apostólica da qual datamos nossa sucessão, uma sucessão infinitamente mais pura que a cadeia tractariana-[16] de infames prelados e padres papistas.

O Espírito de Deus manteve a igreja viva nos dias de sua obscuridade em França, Hungria, Boêmia, Suíça e outras regiões, até que finalmente chegaram os homens que Jeová havia ordenado grandemente para abençoar. As nações se regozijaram com a vinda de Lutero e seus grandes aliados, Zuínglio e Calvino. Que elevação do padrão foi vista então, meus irmãos e irmãs!

Disseram que as palavras de Lutero foram levadas nas asas dos anjos, pois o sermão que ele pregou foi disperso por meio da imprensa; de modo que o amanhã o ouviu trovejar no sopé dos Apeninos, e a própria velha Roma tremeu com a voz do monge da Alemanha!

Então Deus ergueu um estandarte na Inglaterra, e nosso glorioso velho Hugh Latimer, [17] com palavras simples e rudes, repreendeu os reis e falou a verdade de Deus na presença dos poderosos. Lá na Escócia, John Knox publicou o evangelho de Jesus com toda a energia de sua natureza ígnea. O Espírito de Deus levantou a cruz e, como o som de um clarim, uma voz foi ouvida ressoando sobre montes e vales: “Porque ninguém será justificado diante de Deus por obras da lei”. [18] “Justificados, pois,

mediante a fé, temos paz com Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo”.[\[19\]](#)

Não é necessário que eu conte a história de como, nos anos seguintes, em toda a Inglaterra, o cristianismo declinou à beira da morte; quando párocos bêbados poluíam os púlpitos e eram zelosos por nada além de banquetes e caça à raposa; quando os ministros Dissidentes eram semissocinianos-[\[20\]](#) ou tão ortodoxos que não se importavam se as almas dos homens eram salvas ou condenadas.

Então, novamente, o Espírito do Senhor ergueu um padrão. Seis jovens foram expulsos de Oxford por orar, e esses homens, impelidos contra sua vontade por ações não canônicas, começaram a pregar ao ar livre. Multidões em Londres se reuniram em Moorfield e Kennington; os mineiros de Kingswood foram incendiados pela chama da graça divina; a Cornualha, distante, começou a arder com fervor espiritual; os confins da nossa ilha perceberam que Deus o Espírito Santo nos havia visitado, que a “estrela da manhã do alto” estava brilhando novamente!

O nome “Metodista” era o terror de Satanás e a alegria da igreja — “Veja quão grande uma chama aspira, acende por uma centelha de graça! O amor de Jesus incendeia as nações, incendeia os reinos”. Então os homens souberam que o bendito Espírito do Deus vivo havia aparecido e levantado um estandarte contra a falsa doutrina e o pecado.

Caros amigos, não estou lhes contando essa história com o mero propósito de detalhá-la, mas com um fim prático. Acredito que nenhum exagero seria possível quanto à atual condição infeliz de certas seções da igreja cristã. O inimigo está, de fato, vindo como uma inundação. Desta vez, o perigo está dentro da própria igreja visível. Nós temos a Alta Igreja — o que é ela senão um Papado bastardo!? Temos a Igreja Ampla — o que é ela senão infidelidade desonesta!?, uma infidelidade que cobra o pagamento de uma igreja cujos fundamentos trabalha para minar.

Esses dois poderes avançam no momento como dois exércitos em marcha vitoriosa. Eles estão varrendo tudo diante deles. Nossos amigos evangélicos tímidos e de coração fraco estão há tanto tempo acostumados a se submeter que têm pouco estômago para a luta. Eles desempenharam um papel tão miserável no grande conflito que

o poder que possuíam foi tirado deles. Eles são um exemplo lamentável do efeito enfraquecido de acostumar a língua ao uso da linguagem contra a qual a consciência se revolta. Eles não são agora parte da equação; seus amigos e seus inimigos também sabem de sua total inaptidão para a batalha. Aquele que espera que a batalha do protestantismo seja travada pelos evangélicos confia em uma cana quebrada. Eu só gostaria de poder pensar de outra forma, mas não posso.

O que é para ser feito? Não vejo nenhum sinal de ajuda de qualquer parte, a não ser de cima. É nossa esperança que o Espírito Santo agora intervenha e salve sua igreja. Esta é uma hora escura, e agora ele mostrará sua força. Não desejamos que os bispos interfiram com os ritualistas — eles os deixaram mexer na igreja por tanto tempo que todos perguntam para que servem os bispos. Ai da igreja de Deus se os bispos fossem os únicos guardiões! Mesmo a interferência do Parlamento terá pouco valor; deixe o Parlamento cuidar da política e deixe a religião em paz!

O que precisamos é de algo superior aos bispos e ao Parlamento — precisamos do Espírito Santo e, se o Espírito Santo tomar o assunto em mãos, ele intervirá em toda essa imitação do romanismo! Mas como será feito?

Acho que vejo o começo.

Um espírito geral de oração virá sobre as igrejas que são fiéis. Já está vindo. A cada trimestre o espírito de devoção aumenta. Nossos irmãos em Londres designaram, como você sabe, o dia 5 de novembro para ser gasto por todos os ministros, diáconos e presbíteros de nossas igrejas como um dia de jejum e oração para suplicar a bênção do Senhor sobre a igreja universal. Acho que nossos amigos devem fazer o mesmo em Birmingham e na maioria das grandes cidades; e tudo isso veio sem nenhuma ordem de ninguém, de fato não temos poder para mandar em nossa denominação, veio espontaneamente, os irmãos movendo-se um para o outro como por um instinto comum, reunindo-se na hora do perigo.

Acho que percebo entre os cristãos, em geral, o abandono da controvérsia sobre pontos menores e uma determinação de união sobre a única grande coisa.

Sentimos que devemos ficar unidos, ombro a ombro, como uma unidade sólida neste dia de conflito, e lutar com armas celestiais, ou então tudo irá mal para nós. Sentimos que devemos clamar a Deus, pois ninguém mais pode nos ajudar. Com esse espírito de oração, acredito que está retornando para nós na igreja — posso estar otimista, mas creio — um amor mais profundo pelas velhas verdades de Deus do que costumava haver.

Meus irmãos no ministério não pregam mais sobre Cristo do que antes? Eles não estão cansados de ensaios filosóficos e retornando às simples verdades de Deus? Eles não estão mais nos provocando com Gênesis e a geologia, mas nos dão mais de Cristo na cruz. Sabemos que pregar a ciência e a ética em vez do evangelho é totalmente errado, e nossos irmãos veem que é assim. Há poucos dias eu ouvi um ministro Wesleyano declarar que a razão pela qual eles tinham, em grande parte, perdido uma bênção nos últimos anos era porque não tinham dado destaque suficiente às doutrinas da graça — e ele apontou esta casa de oração, e a prosperidade que Deus dá a esta igreja, como uma indicação de que, se Cristo é pregado e nada mais que Cristo, e se a salvação pelo sangue é o tema básico, não há medo de haver ouvintes, nem de haver convertidos, pois o antigo padrão, sempre que é elevado, traz consigo a vitória. Você só precisa deixar o padrão da verdade de Cristo ser lançado ao vento, e a batalha é nossa!

Agora acho que posso ver que o Espírito de Deus está elevando esse padrão. Há mais pregação do evangelho, mais fervorosa declaração de Cristo na Inglaterra do que houve por muito tempo. Agora, irmãos e irmãs, já que o Espírito está começando, vamos segui-lo. Para que serve um estandarte erguido senão para que todos os soldados se unam a ele? Junte-se a ele onde você o vê ser erguido ao vento! Junte-se a ele, cada homem entre vocês! O soldado não vê um estandarte como um lugar de onde ele deve marchar, mas ao redor do qual ele deve se reunir no dia em que estiver em perigo.

Todo homem deve cumprir seu dever, agora, na igreja cristã, e considerar um privilégio fazê-lo. Você deve disseminar o evangelho; você deve proclamá-lo com seus lábios; você deve orar por ele com seu coração; você deve distribuí-lo quando for impresso!

Faça todo o possível para aumentar a venda de literatura evangélica sadia, mas use a própria boca, também, para falar do amor do Salvador.

Cada homem deve seguir, hoje, para o seu posto, pois devemos acordar já do nosso sono. Oh, se o Espírito Santo nos visitar agora, não precisamos temer a respeito da velha Roma. Como palha ao vento, os inimigos serão varridos, serão impelidos como nuvens finas diante de um vendaval de Biscaia.

Quando Deus entrar na luta, ai de vocês que são seus inimigos! Ai de vocês! Vocês podem lutar como homens poderosos, mas conhecem o poder da espada de Israel nos tempos antigos — e devem senti-lo agora.

Soldados de Jesus, nunca se desesperem! Meus irmãos e irmãs, não temam! Tenham coragem! Sejam confiantes! Deus está do nosso lado. “Emanuel” — que seja sua palavra de ordem — “Deus conosco, Emanuel”. Seja muito corajoso e muito fervoroso, e o Espírito do Senhor levantará um estandarte quando o inimigo vier como um dilúvio. Deus lhe conceda isso, por amor do seu nome. Amém. [\[21\]](#)

7. A César o que é de César e a Deus o que é de Deus

A primeira pergunta do dia é quase semelhante à que foi proposta ao nosso Senhor pelos fariseus e herodianos. Ela lida com a conexão entre política e religião, a questão vexatória de igreja e Estado. Até onde vai o governo de César? Onde termina? E onde somos receptivos somente a Deus?

Essa questão, de uma forma muito prática, pressiona os Dissidentes da Inglaterra. Atribuo largamente o declínio parcial da prosperidade religiosa em algumas de nossas igrejas ao interesse que tem surgido pelas questões que naturalmente surgem da conexão antibíblica e adúltera existente atualmente entre igreja e Estado nesta terra.

Cada um de nós tem uma certa quantidade de poder mental, de tempo, de energia e nada mais. E se é uma necessidade, como é uma necessidade, que todo Não Conformista lute por seus direitos e liberdades — e nunca descanse até que a perfeita igualdade religiosa seja estabelecida na terra —, então, muito de nossa força é tirado de assuntos melhores e mais elevados para atender ao que, no entanto, é inevitável que devemos considerar.

Não nos é possível cessar os esforços para obter libertação do jugo degradante que agora nos sobrecarrega. Dizem-nos que gostamos de tolerância — a própria palavra é um insulto. O que pensariam os membros da seita dominante se falássemos em tolerá-los? Nunca estaremos satisfeitos até que todas as comunidades religiosas estejam em pé de igualdade perante a lei. César não tem o direito de exigir de nós que apoiemos a religião ou a superstição que ele escolher. Uma igreja oficial é uma tirania espiritual. Não usamos correntes em nossos pulsos, mas em nossos espíritos. Nossos opressores colocaram grilhões que nos irritam mais do que tiras de aço.

Somos obrigados, como parte da nação, a apoiar uma igreja cujo negócio é destruir aquilo que, com orações e lágrimas, vivemos para construir, e até morreríamos para manter. Como Dissidentes Protestantes, vemos as verdades que pregamos atacadas por um exército de papistas anglicanos, a quem somos obrigados a apoiar para que possam se opor aos nossos desígnios mais queridos. O papado é hoje instalado e dotado entre nós, e somos compelidos a reconhecer seus mirmidões como o clero de nossa própria igreja nacional. Aquilo que nossos pais morreram para derrubar somos obrigados a apoiar.

Não podemos deixar de ficar indignados. Seríamos menos que homens se nosso sangue não fervesse dentro de nós com tanta injustiça. Se os homens querem o papado, ou qualquer outra forma de erro, que eles paguem por isso e chamem-no de seu. Mas impingir sua superstição sobre nós, como parte da nação que somos, é uma opressão contra a qual apelamos ao Juiz de toda a terra. Os homens não podem suportar por muito tempo ser sobrecarregados com a manutenção de uma superstição que eles abominam [...].

O insulto à nossa consciência, que está encarnado na atual igreja e Estado, é uma provocação diária para nós, como homens e cristãos. Da atual dominação injusta eu diria: “Abaixo com isso, abaixo com isso, todos vocês que têm uma centelha de justiça em sua alma”. Quanto a nós, nunca descansaremos até que estejamos livres dessa injustiça indesculpável, e livres seremos, tão certos quanto Deus, o Deus da justiça, ainda vive.

Agora, não podemos pensar sobre tudo isso e ser sinceros sobre isso — confessamos e lamentamos que seja assim — sem muito de nossa força correndo nessa direção, força que gostaríamos de investir na religião pura e espiritual. Desejamos estar sempre e somente pregando a Cristo. Desejamos edificar sua igreja e viver em paz com todos os nossos irmãos.

Queremos em todas as coisas dar a Deus todo o nosso coração, a nossa alma e a nossa força. Mas essa briga entre Deus e César virá. Ela exige imperativamente nossa atenção e, portanto, nos distrai em certa medida de nosso trabalho superior e, portanto, quanto mais cedo ocorrer, melhor. Não podemos estar sempre

ocupados com esse assunto, contamos que o Evangelho vale dez mil vezes mais.

O Salvador, quando a pergunta de César foi apresentada, respondeu-a completamente.^[22] Eles disseram: “Devemos pagar tributos a César?” “De quem é esse dinheiro?”, disse ele. “Dinheiro de César.” “Muito bem, você evidentemente se submeteu ao governo de César, você está sob seu domínio. Portanto, pague a ele o imposto que ele exige de você, mas ainda assim não se esqueça de que você está sob o governo de Deus. Portanto, dê a Deus o que é de Deus”.

Ele traçou uma linha de distinção aqui que sempre deve ser mantida. “A César, as coisas que são de César.” Manter a ordem, reprimir o crime, preservar a liberdade individual, proteger os direitos de cada homem, isso é tarefa de César. Para nos ensinar religião? É César quem deve fazer isso? Deus me livre, pois que religião César nos ensinará? Ele é pagão? Ele vai impor a idolatria. Ele é um papista? Ele ordenará o papado. Ele é ateu? Ele estabelecerá a infidelidade. Lembre-se dos dias da rainha Maria e veja do que César é capaz quando se intromete na religião.

Não é tarefa de César lidar com nossas consciências, nem jamais obedeceremos a César em qualquer assunto que toque a consciência. Ele pode fazer as leis que quiser sobre religião, mas, por nossa lealdade a Deus, desprezamos César quando ele usurpa o lugar de Deus. Ele não é mais para nós do que o mendigo mais mesquinho da rua, se for além de sua própria autoridade legítima.

Dê a César o que é de César. Política para políticos. Obediência, alegre e pronta, aos governantes civis. A Deus, e somente a Deus, as coisas que são de Deus. E que coisas são essas? Nosso coração, nossa alma, nossa consciência. O próprio homem é a moeda sobre a qual Deus gravou sua imagem e inscrição (embora, infelizmente, ambas estejam tristemente manchadas), e devemos entregar a Deus nossa humanidade, nossas vontades, nossos pensamentos, nossos julgamentos, nossa mente, nosso coração.

As consciências são para Deus. Qualquer lei que toque uma consciência é nula e sem efeito, *ipso facto*, pela simples razão de que reis e parlamentos não têm o direito de interferir no domínio da

consciência. A consciência está sob a lei de ninguém além de Deus. Não cremos na liberdade de consciência para com Deus. Somos obrigados a ele, a acreditar no que ele nos diz e a fazer o que ele nos manda. Mas a liberdade de consciência, com respeito a toda a humanidade, é o direito natural de todo homem nascido de mulher, e deve ser ternamente respeitada.

Nosso Senhor, aqui, põe a controvérsia para dormir, dizendo-nos para darmos a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. Agora, se houver qualquer pessoa aqui que não seja convertida, mas cuja mente esteja muito ocupada com a igreja e a disputa do Estado acerca de qualquer lado da questão que ele possa abordar, eu sinceramente lhe diria — importante como isso é e, para alguns de nós, é a pergunta que, ao lado da salvação de nossa alma, pesa mais fortemente em nossos corações, mas, ainda assim, antes de tudo, atenda à pergunta mais séria: “O que você pensa de Cristo?”. Ele é o Maravilhoso, o Conselheiro, o Deus Poderoso em sua estima? Você é salvo por ele? Se não, eu pediria que abandonasse o tópico sobre o qual acabamos de falar até que a pergunta mais elevada seja respondida.

Quando um homem está à beira da morte, a questão é: o que podemos fazer para restaurá-lo? Quando o navio está afundando, a única coisa necessária para todo homem é: “Como posso chegar ao barco?” Às vezes, em um caso desesperado, como o de um naufrágio repentino, o amor pela vida pode levar os homens a fazer ainda mais do que deveriam por si mesmos, e tentá-los em seu terror mortal a esquecer as reivindicações dos outros.

Oh, eu gostaria que algo como esse excesso de diligência, se tal pudesse acontecer, viesse aos corações dos homens em relação à sua alma. Há suficientes homens salvos que podem se dedicar a combater nessa disputa eclesiástica. É melhor vocês, não salvos, irem para a cruz e, lá, buscar e encontrar a salvação. A questão tem, sem dúvida, grande importância, mas para você a questão muito mais importante é crer em Cristo.

Suponha que você fosse morrer esta noite. Seria, então, um assunto menor para você o que pode ser feito na próxima sessão do Parlamento com a temática da separação entre igreja e Estado. Se você tiver de ficar diante do tribunal de Deus antes que este ano

termine, as igrejas oficiais serão de pouca importância para você, caso você seja banido do céu e da esperança. Portanto, cuide, peço-lhe, que nenhum tema interfira nos assuntos de sua alma.[\[23\]](#)

8. Um Dissidente Político Ao longo do último mês, fomos atacados, tanto em público quanto por carta, como poucos homens foram, por termos expressado em poucas frases a nossa crença de que César deveria cuidar de seus próprios negócios e deixar as coisas de Deus em paz. Muitas das cartas que recebemos são de tal caráter que desonrariam a causa do próprio Belzebu. Certamente, a aliança entre igreja e Estado nunca terminará por falta de valentões para defendê-la.

Algumas comunicações foram corteses e até racionais, mas, de longe, a maior proporção foi simplesmente um amálgama de injúrias abusivas e linguagem tola. Não gostamos de forma alguma dessas coisas, mas, longe de ficarmos deprimidos com elas, até que elas nos causaram um pouco de alegria extra. Nossa experiência quanto ao efeito de ataques furiosos tem sido um pouco semelhante à de Lutero, acerca de quem Michelet-[\[24\]](#) relatou: “Estando um dia de muito bom humor à mesa, disse ele: ‘Não se escandalize de me ver tão alegre. Acabei de ler uma carta que me ataca violentamente. Nossos negócios devem estar indo bem, já que o diabo está atacando assim’”.

Das observações que se seguem, isentamos enfaticamente certos clérigos honrados, que amam homens apesar de sua franqueza e que não exigem o silêncio como preço de sua amizade. Alguns desses nós conhecemos e honramos. São homens de cunho nobre; antagonistas justos quando devem se opor, e irmãos em Cristo mesmo então. Quisera Deus haver mais homens como os tais, pois as exasperações que agora amargam a discussão dariam lugar a concessões mútuas ou, na pior das hipóteses, a argumentos corteses.

Entre as acusações lançadas contra nós está uma que nossos acusadores evidentemente consideram muito grave. Eles nos chamam de “Dissidente Político” e parecem ter se entregado a uma injúria terrível, cujo próprio som nos aniquilaria. É curioso que nem o som nem o sentido dessas palavras terríveis nos amedrontaram ou nos levaram ao arrependimento. A política, se for honesta, não é de forma alguma pecaminosa, ou o cargo de legislador seria fatal para

a alma, e os Dissidentes, se discordarem do erro, são indivíduos louváveis: como, portanto, nem o “político” nem o “Dissidente” é necessariamente mau, a mistura de duas coisas boas ou indiferentes dificilmente pode ser intoleravelmente má.

Alguém poderia supor, pelo sentido que nossos oponentes dão às palavras, que um Dissidente político deve ser um tipo peculiarmente feroz de tigre, uma víbora especialmente venenosa, ou talvez um grifo, um dragão ou um “monstro terrível, de forma horrível”. Mas, até onde podemos entender o significado das palavras, ele é apenas um Dissidente que exige seus direitos civis naturais, um Não Conformista que anseia por aquela igualdade religiosa perante a lei que a justiça imparcial deve conceder a cada cidadão.

Um Dissidente piedoso e humilde, que conhece seu dever para com seus superiores e caminha de maneira humilde e reverente para com eles nunca é político; ele é considerado piedoso e admirado nas reuniões da Associação de Defesa da Igreja,^[25] embora, em outros lugares — visto que, com toda a sua piedade, ele ainda é um Dissidente —, seja devidamente esnobado pelos mesmos párocos que tanto o admiram. Se um Dissidente deseja ter um bom relatório daqueles dentro do campo estabelecido, deve bajular todos os reitores, vigários e curas — deve “bendizer a Deus por levantar tal baluarte para nossas liberdades protestantes como a Igreja da Inglaterra, conforme estabelecido por lei”, ou, pelo menos, deve ficar em um satisfeito silêncio acerca de seus erros e nunca abrir a boca para obter seus direitos.

Deixe de ser um homem e você será um *Dissidente piedoso*; mas fale e mostre a menor independência de espírito e você será um odioso *Dissidente político*. Seja grato pela tolerância de que desfruta e coma sua humilde torta em um canto, e o reitor condescenderá em encontrá-lo nas reuniões da Sociedade Bíblica; mas ouse chamar sua alma de sua e você será colocado nos livros negros, entre aqueles terríveis emissários do Sr. Miall.^[26]

A piedade na mente clerical é geralmente sinônimo de subserviência às reverências deles, mas esperamos que, sem ser ímpios, possamos questionar a correção de seu julgamento. Alguns dos homens mais devotos, espirituais e semelhantes a Cristo que já

conhecemos estavam tão plenamente convencidos dos males do atual estado de coisas, e tão zelosos pela separação entre igreja e Estado como é possível estar. Eles eram santos e, no entanto, Dissidentes políticos: viviam perto de Deus e desfrutavam da comunhão diária com o céu e, no entanto, como o apóstolo Paulo, valorizavam seus direitos civis e falavam quando os viam invadidos.

À medida que nomes e formas de ilustres falecidos surgem diante de nós, homens de quem o mundo não era digno e eram os Dissidentes políticos de sua época, nos sentimos tranquilos e de modo algum estamos dispostos a mudar nossa companhia. Os homens que julgaram a piedade de nossos predecessores, como eles agora julgam a nossa, devem estar pouco familiarizados com o que significa piedade se a separam da coragem e da independência. Nunca pedimos seu endosso à nossa piedade e, se eles o dessem, deveríamos começar a suspeitar de nossa posição diante de Deus.

Longe de nós a bajulação covarde que faz do pobre ministro dissidente o subordinado condescendente do reitor aristocrático. Igualmente longe de nós esteja o silêncio obsequioso que ganha o costume do comerciante Não Conformista que vende sua consciência, bem como suas mercadorias. Se esses são *piedosos*, que fiquemos livres de tal piedade. Se falar a verdade e não dobrar o joelho a ninguém é o que significa ser político, está bem para nós.

É fácil atirar pedras nos outros, mas quem tem telhados de vidro deve ter cautela. Se é um mal tão terrível para um Dissidente ser político, qual deve ser a condição de um *clérigo político*? No entanto, todo clérigo é apenas *isso*, pois é funcionário de uma igreja política, ou melhor, é comissionado pelas autoridades políticas para atender à religião nacional. Ele é, portanto, um clérigo político *ex officio*.

Além disso, se for uma grave lesão à piedade de um ministro Dissidente comparecer a uma reunião da Sociedade de Libertação [27] uma vez por ano, não seria perda de graça participar de uma Associação de Defesa da Igreja? O Sr. Spurgeon fala algumas frases em um sermão sobre César e sua esfera apropriada e isso é tão prejudicial à prosperidade de sua alma que ele recebe cartas aos montes de clérigos excessivamente graciosos que estão em

agonia por causa de sua decadência espiritual. Isso é muito gentil e maternal, mas é o mesmo cuidado tomado com aquele excelente homem, o Sr. Ryle, que não apenas fez muitos discursos políticos, mas também escreveu panfletos sobre o assunto da igreja e do Estado? Cremos que nosso digno irmão recebeu muita vigilância, pois ele tem a doença política muito pesadamente sobre ele — se formos julgar por alguns de seus folhetos. Ele é um exemplo terrível de um Clérigo Político. Acreditamos que o partido da Alta Igreja o considera um Dissidente, e nos regozijamos em acreditar que eles estão bem perto do alvo, julgando doutrinariamente o bom homem. E, se eles estão certos em seus pontos de vista, o Sr. Ryle é ele próprio um Dissidente político, só que ele está fora de seu devido lugar. Alguns de seus amigos vão lembrá-lo do perigo que corre? E eles, ao mesmo tempo, notarão que, para cada palavra sobre política que digamos, encontramos clérigos piedosos que proferiram dez ou cem. Neles parece louvável e, em nós, censurável: como é isso?

Para o clérigo espiritual, diríamos: pegue os dezoito volumes do Púlpito do Tabernáculo Metropolitano-[\[28\]](#) e veja se você consegue encontrar dezoito páginas de conteúdo que ao menos olhe para política. Mais ainda, veja se há uma frase solitária relativa à política que, na mente do pregador, não parece surgir do texto ou fluir do curso natural do assunto. A abstinência do pregador de tais temas seria eminentemente louvável, se não fosse possivelmente censurável, pois ele pode ter negligenciado um dever desagradável.

A verdade é que muitos de nós são relutantes em tocar no tema da política, e nunca o faríamos se não fôssemos levados a isso. Nosso tema de vida é o evangelho e lidar com os pecados do Estado é nossa “obra estranha”, na qual só adentramos sob as solenes restrições do dever. Ver o papado se tornar a religião nacional despertou os mais gentis entre nós. Uma igreja evangélica imposta a nós pelo Estado era uma queixa e um erro, mas forçar uma situação descaradamente ritualística sobre nós como a religião nacional é uma tirania que nenhum inglês deveria suportar. Um sacerdote anglicano deve balançar seu incensário em nossos rostos em nome da nação? Os ídolos e as divindades do Ritualismo devem ser apresentados diante de nós, com esta exclamação: “Estes são

os teus deuses, ó Inglaterra!”? Esse é o caso, e protestamos porque somos protestantes — não vamos suportar essa realidade mansamente porque adoramos o Deus vivo. Continuaremos com nossos deveres espirituais com bastante calma se aqueles que estão no poder derem igual medida a todas as religiões. Será um deleite não ter mais motivos para apelar à justiça pública e não ter mais razões para divergências com nossos irmãos cristãos. Se somos políticos, dê-nos nossos direitos e não seremos mais assim. Se nossa espiritualidade é preciosa para nossos antagonistas, que eles nos livrem da tentação que a põe em perigo.

Seria de má reputação um ministro cristão ser partidário ativo dos Whigs ou Tories, [\[29\]](#) ocupado em colportagem e eloquente em reuniões públicas para facções rivais. Para o cristão, esquecer sua cidadania celestial e ocupar-se com os assuntos dos que caçam posições seria degradante para sua alta vocação. Mas há pontos de contato inevitável entre as esferas superior e inferior, pontos em que a política persiste em colidir com a nossa fé, e ali seremos traidores tanto do céu quanto da terra se buscarmos nosso conforto ao deslizar para a retaguarda.

Até que a religião na Inglaterra esteja inteiramente livre do patrocínio e do controle do Estado, até que o Papado Anglicano deixe de ser chamado de religião nacional, até que todos os homens de todas as fés sejam iguais perante os olhos da lei quanto aos seus direitos religiosos, não podemos e não ousamos deixar de ser políticos. Como tememos a Deus e desejamos sua glória, devemos ser políticos — é parte de nossa piedade ser assim.

Quando mais perto de Deus em oração, oramos para que sua igreja não oprima nem seja oprimida. Ao andar na mais santa comunhão com Jesus, ansiamos que somente ele seja o cabeça da igreja, e que ela não mais se contamine com os reis da terra.

Não deixemos que nossos oponentes nos enganem: ousamos levar nossa causa diante do trono de Deus, e habitualmente o fazemos. Nossos protestos diante do homem são repetidos em nossas orações a Deus. Nossas emoções religiosas mais profundas são despertadas pela luta que nos é imposta. Não diremos que os Não Conformistas que não são abusados como Dissidentes políticos não são piedosos, mas diremos que, se nos esquivamos do trabalho

que nos torna políticos, somos traidores do Senhor nosso Deus. A maldição de Meroz-[\[30\]](#) cairia sobre nós se não viéssemos em socorro do Senhor neste dia de batalha.

A história da nação, e o destino de milhões, pode depender da fidelidade dos Não Conformistas neste momento, e nossa convicção é que chegará o dia em que será motivo de boa fama e não de desonra ter sido reconhecido como um dissidente político.-[\[31\]](#)

9. A política mais avançada sob o sol

Eu não sou meu. Então, não devo confiar em meus próprios argumentos. Se eu fosse meu próprio professor, então, é claro, eu deveria aprender minhas próprias lições. Mas eu tenho um rabino, Jesus, e estou decidido com mansidão a aprender com ele.

No passado, acreditei que eu era sábio, mas agora me tornei uma criancinha, e eu amo me sentar aos pés de Jesus para aprender sobre ele, pois rendi meu raciocínio a ele. Eu acredito no que ele me ensina porque ele assim ordena que eu faça. Seu *ipse dixit*-[\[32\]](#) funciona para mim em vez de argumentos, pois o que ele diz deve ser verdade.

Eu não pertencço a mim, portanto, não devo buscar os próprios interesses. Não devo viver neste mundo para ficar rico ou ser famoso. Posso empreender e obter riquezas, mas deve ser para que eu possa usá-las para ele. Eu tenho uma família a ser mantida. Sim, devo entregar minha família a Cristo e, então, trabalhar para manter a família de Cristo — e assim estarei trabalhando para Cristo.

Não é minha função me sustentar, pois o Senhor é meu pastor, mas o Senhor me sustenta por meio de meus próprios esforços e, portanto, eu, mesmo no trabalho comum, o sirvo. “Tendo comida e roupas”, ficarei contente. E viverei para fazer o bem aos pobres, à igreja de Deus e aos meus semelhantes.

Quando ele me enviar riquezas, tomarei meu vaso de alabastro, o quebrarei e as derramarei sobre sua cabeça. Nunca considerarei que meus tesouros serão tão bem utilizados como quando os entrego a ele. Se, como José de Arimateia, o cristão possuísse um túmulo novo, onde nenhum homem tenha sido sepultado, preparado para si mesmo, ele o consideraria melhor usado se seu Senhor se dignasse a usá-lo para seu sepultamento. De bom grado ele emprestaria um cômodo de sua casa para Jesus celebrar a Páscoa, ou cederia seu animal para que seu Senhor fosse até Jerusalém —

pois o santo mantém todas as coisas prontas ao comando e ao chamado de seu Mestre. Sua vida é consagração. Ele prometeu ao Senhor: “Trabalharei para ele. Sofrerei por ele. Escreverei para ele, viverei para ele — até morrer por ele. De uma forma ou de outra, mostrarei que não pertenço a mim nem nada do que tenho me pertence”.

Oh, irmãos e irmãs, eu não gostaria de ter um cabelo sequer na minha cabeça que não fosse consagrado a ele, ou uma hora sequer do dia não que não fosse consagrada a ele, ou qualquer faculdade não consagrada! Todo poder mental que Deus deu a um homem deve ser usado para a causa de Deus. Não podemos recusar que nenhuma faculdade essencialmente natural para nós seja dispensada de curvar o pescoço ao jugo do Senhor Jesus Cristo.

Quando eventualmente eu disse alguma coisa engraçada na pregação, não pedi que você me desculpasse, pois se Deus me deu humor, pretendo usá-lo em sua causa. Muitos homens foram atraídos, seus ouvidos presos e sua atenção conquistada por uma observação pitoresca. Se alguém puder provar que o uso do humor na pregação é uma maldade, e não uma faculdade natural, eu a abandonarei. Mas é uma faculdade da natureza e deve ser consagrada e usada para a causa de Cristo! Tudo o que você pode fazer — se é uma coisa certa a fazer — e se Deus lhe concedeu uma característica, faça por Jesus! Se você não pode falar como o Sr. Moody,^[33] cante como o Sr. Sankey,^[34] mas, de uma forma ou de outra, ajude a promover a glória do Senhor Jesus Cristo, pois você não é seu, “Você foi comprado por um preço”.

Em meu [...] texto, o apóstolo traz outra inferência. Leia o sétimo capítulo no versículo 23: “Vocês foram comprados por preço; não se tornem escravos de homens”.^[35] Com isso, ele quer dizer que, como você não deve viver para si mesmo, também não deve se tornar escravo de outros homens e abrir mão de seus direitos por ninguém, exceto ao Senhor Jesus Cristo. Nem mesmo siga os bons homens servilmente. Não diga: “Eu sou de Paulo. Eu sou de Apolo. Eu sou de Calvino. Eu sou de Wesley.” Calvino redimiu você? Wesley morreu por você? Quem é Calvino e quem é Wesley se não ministros por meio de quem você creu conforme concedido pelo Senhor? Não se renda a nenhuma liderança a ponto de preferir

seguir o homem que o seu Mestre. Eu seguirei qualquer um se ele seguir o caminho de Cristo, mas não seguirei ninguém, pela graça de Deus, se ele não seguir nessa direção.

Não condicione sua fé a ninguém. Mantenha-se perto do Senhor Jesus Cristo. Você foi comprado por um preço, logo, não seja servo dos homens. Não se entregue ao espírito partidário. É uma pena quando um homem se preocupa apenas com a política e a única coisa pela qual vive é para levar um liberal ao Parlamento, ou apoiar um radical, ou levar um conservador ao topo das pesquisas. Viver para um partido político é indigno de um homem que professa ser cristão! A política mais avançada sob o sol não é nada comparada a viver para o Salvador que deu seu sangue e para a promoção dos princípios imortais da cruz.

Não devemos nos entregar a nenhuma especulação científica, esforço educacional ou qualquer empreendimento filantrópico que desvie nossa mente da grande e antiga causa de Jesus e nosso Deus!

Conta-se a história de um dos primeiros santos — acho que foi Jerônimo — que sonhou ter morrido e seguido para os portões do céu. Lá, lhe perguntaram: “Quem é você?” E ele disse: “Eu sou Jerônimo, um estudante das Escrituras”. E eles lhe disseram: “Não, você não é. Você é Jerônimo, um aluno de Cícero”, pois ele estava muito mais acostumado ao estudo de Cícero e dos grandes escritores latinos do que à leitura das Escrituras. Ele sonhou, portanto, que não lhe foi permitido entrar no céu. E, ao acordar de seu sonho, deixou de lado seus livros clássicos para fazer da Palavra de Deus o principal estudo de sua vida. Infelizmente, há muitas pessoas no mundo que não vivem para Cristo! Estão vivendo para outra coisa [...].

Se um homem que vive para Jesus e prega o evangelho pudesse ser subitamente transformado no Imperador da Alemanha, seria uma terrível queda para ele! Viver para Jesus é o estilo mais elevado do homem! Deus conceda que possamos perceber isso — pois fomos comprados por um preço. Se não pertencemos ao homem, segue-se que não devemos seguir as modas do mundo.

10. Uma igreja mesquinha

Uma igreja que permanece em Jesus e em sua verdade será abençoada por Deus! Eles [\[37\]](#) foram firmes em quatro pontos. Na doutrina dos apóstolos — eram uma igreja doutrinária. Eles acreditavam em ser firmes na verdade fixa e não pertenciam à geração de homens que alegam que seus pontos de vista são progressistas e que não podem se manter presos a um simples credo.

Queridos irmãos e irmãs, nunca desistam das grandes e antigas verdades do evangelho! Não deixe que nenhuma empolgação, mesmo que seja o turbilhão de um avivamento, afastá-lo das grandes doutrinas da cruz. Se Deus não salva os homens por sua verdade, certamente não os salvará por mentiras! E, se o velho evangelho não tiver a capacidade de operar um avivamento, então fiquemos sem o avivamento! De qualquer forma, mantenhamos as velhas verdades de Deus; venha o que vier! Nossa bandeira está pregada no mastro!

Em seguida, eles perseveravam na comunhão. Eles se amavam e continuaram a se amar. Conversavam uns com os outros sobre as coisas de Deus, e não desistiram do assunto. Ajudavam-se uns aos outros quando precisavam e o faziam com extrema generosidade; eles eram verdadeiros irmãos e sua fraternidade não foi quebrada.

Eles também perseveravam no partir do pão, que é uma deleitosa ordenança e nunca deve ser desprezada ou subestimada. Sempre que podiam, relembavam a morte de Cristo, até que ele viesse. Eles se deleitavam em desfrutar dos queridos memoriais de sua sagrada paixão, tanto no ajuntamento como de casa em casa.

Eles também perseveravam na oração. Anote isso! Deus não pode abençoar uma igreja que não ora — e as igrejas devem aumentar em súplicas se quiserem aumentar em força. A importunação sagrada deve cercar o trono de Deus e, então, a

bênção será concedida. Oh, filhos do Rei celestial! Vocês dificultam a ação do Espírito e impedem a bênção se restringem a oração!

Aqui estavam quatro pontos, então, nos quais a igreja era perseverante — e Deus a abençoou. Observe que era uma igreja unida. Lemos sobre eles que eram tão unidos que tinham tudo em comum, e perseveravam todos os dias unânimes no templo. Não havia partidos entre eles, nem disputas e divisões mesquinhas; eles amavam o Senhor demais para isso. A Pomba Sagrada levanta voo quando chega a contenda. Se você divide internamente a igreja, também a divide das poderosas operações do Espírito de Deus! Sejam cheios de amor uns pelos outros e, então, podem esperar que Deus, o Espírito Santo, os encha de bênçãos.

Eles eram uma igreja generosa, bem como uma igreja unida. Eles foram tão generosos que vendiam suas propriedades e distribuíam entre todos, para que ninguém passasse necessidade. Eles não eram comunistas, eles eram cristãos — e a diferença entre um comunista e um cristão é que um comunista diz: “Tudo o que é meu é meu”, enquanto um cristão diz: “Tudo o que é meu é seu”. E isso é muito diferente! Um é para receber e o outro, para dar. Aqueles cristãos agiram com um espírito tão generoso uns com os outros que parecia que ninguém acreditava que o que possuía era seu, mas generosamente doava para as necessidades dos outros!

Eu não acredito que o Senhor jamais abençoará uma igreja mesquinha. Há igrejas cujo ministro se pergunta ansiosamente como ele conseguirá dar comida e roupas para sua família e, ainda assim, essas igrejas não são muito pobres. Há igrejas onde se paga mais por ano para limpar os sapatos dos adoradores do que eles gastam com a causa de Cristo! E onde esse for o caso, nenhum grande bem será feito; o Senhor nunca abençoará uma sinagoga de avaros — se eles são levianos, podem guardar sua adoração para si mesmos, pois Deus é um Deus generoso e ama ter um povo generoso.

Novamente, aquelas pessoas estavam em tal condição que suas refeições e casas eram lugares sagrados. Observe isto: elas partiam o pão de casa em casa, e comiam sua carne com alegria e singeleza de coração. Elas não achavam que a religião era apenas para os domingos e para o que os homens, hoje em dia, chamam de

casa de Deus. Suas casas eram casas de Deus, e suas refeições eram tão misturadas com a Ceia do Senhor que até hoje o mais cauteloso estudante da Bíblia não sabe dizer quando pararam de comer suas refeições comuns e quando começaram a comer a ceia do Senhor. Eles fizeram de suas refeições dietas para adoração — eles consagraram tudo com oração e louvor a tal ponto que tudo ao redor deles era santidade ao Senhor! Eu gostaria que nossas casas fossem assim, dedicadas ao Senhor, para que adorássemos a Deus o dia todo e fizéssemos de nossas moradas templos para o Deus vivo. [\[38\]](#)

11. O poder da Não Conformidade

A Não Conformidade, na Inglaterra, foi a princípio um protesto contra os erros da igreja estabelecida por lei, e é atualmente um protesto contra o estabelecimento de qualquer igreja pelo Estado. De forma mais ampla, esse protesto tende a usar armas diferentes das que empregava no início, e a dar maior destaque do que outrora a questões antes consideradas de pouca importância. Nosso medo é que as armas inferiores acabem com as mais nobres, fazendo com que os objetivos secundários ofusquem as intenções primárias.

Achamos correto lutar fervorosamente contra a aliança profana entre igreja e Estado e usar o poder político que nos foi confiado para promover os princípios da igualdade religiosa. Que o melhor sucesso premie os esforços daqueles que dedicam sua vida a esse assunto à sua maneira. Desejamos a eles as bênçãos de Deus de todo o nosso coração.

Ainda assim, o poder real da Não Conformidade nunca será obtido nos palanques; pode ser exposto ali de vez em quando, para fins nobres, mas não é lá que deve ser obtido nem promovido. Os ministros fazem bem em dar seus votos e expressar suas opiniões para orientar o povo, mas, à medida que a pregação se torna política e o pastor afunda o espiritual no temporal, a força se perde e não se ganha.

Os romanistas obtêm o poder por meio de várias manobras e artifícios que não usaríamos se pudéssemos; seu reino é deste mundo, e eles não demoram a usar todos os métodos dos filhos deste mundo para alcançar seus objetivos. Os Dissidentes nunca serão poderosos dessa maneira. Esperamos que nunca haja uma banda de metais Não Conformista na Câmara dos Comuns, pronta para ficar ao lado de qualquer um dos partidos a fim de obter novos privilégios para seu clã, nem os homens no cargo serão secretamente influenciados e induzidos a patrocinar Dissidentes na

esperança de silenciar sociedades secretas de rebeldes Não Conformistas.

A Igreja da Inglaterra também não teve escrúpulos ao aliar-se aos partidários do tráfico de bebidas alcoólicas e ao escrever em suas bandeiras “Cerveja e Bíblia” — espera-se que a dissidência nunca chegue a esse ponto nem jamais venha a ser sustentada pelo interesse fundiário, pela nobreza e pelo vasto exército de pessoas cujas posições estão mais ou menos misturadas com a preservação das coisas como elas estão. Estamos em grande parte excluídos do uso de instrumentos que outros possuem em abundância, e é bom que assim seja, pelo menos pensamos bem, e muitos outros concordam conosco a esse respeito.

Nossos antepassados deixaram a Igreja da Inglaterra por causa dos graves erros de seu livro de orações, da sua forma de governo e dos seus procedimentos eclesiásticos. Por motivos *espirituais* eles a deixaram, e sofreram todo tipo de perda. Eles não poderiam ser autênticos e subscrever suas doutrinas, nem pastores honestos se sancionassem sua frouxidão de disciplina, nem fiéis às suas convicções se rendessem lealdade a seus prelados. Sua piedade, tanto quanto seu credo, os expulsou e os tornou um poder na terra, apesar da perseguição que sofreram.

Muito poucos deles se opuseram a uma igreja estatal; provavelmente, a maioria deles concordava com uma igreja ideal da nação, embora a real personificação dela lhes fosse desagradável. Nisso nós os superamos, e devemos ser gratos por nossa luz maior. Mas a estreiteza de seu protesto pode ter aumentado sua força. Eles fixaram seus olhos em males doutrinários e práticos de primeira magnitude e voltaram sua energia indivisa nessa direção. Não obscureceríamos o que adicionamos, mas gostaríamos que as temáticas originais fossem mantidas com mais tenacidade.

A espiritualidade da mente era a arma do puritano contra a formalidade religiosa, o sólido ensino doutrinário era seu escudo contra o papado; por uma disciplina vigilante na igreja, ele protestou contra um *status quo* abrangente; e por uma cuidadosa manutenção da devoção doméstica, cada homem sendo sacerdote em sua própria casa, ele substituiu os serviços diários do campanário e as pretensões do pároco.

A vida e o poder do evangelho fizeram da capela o refúgio de homens devotos, e tornaram impossível para o pároco pago pelo Estado reprimir a dissidência, com informantes, oficiais de justiça e magistrados do condado às suas costas. Esses homens santos não tiveram influência nas urnas, mas foram poderosos no trono da graça; eles não estavam em nenhum lugar em um dia de eleição, mas foram a todos os lugares pregando a Palavra. Daí veio seu reconhecido poder e, portanto, *o nosso também deve vir daí*.

Infelizmente, houve tempos de desgraça miserável, quando a Não Conformidade se tornou respeitável, intelectual, fria e mundana. Seu grande antagonista e ela mesma sentiram o poder mortal do arianismo, e então é verdade que ela procurou justificar sua posição apelando mais para os direitos do homem do que para a verdade de Deus. Seu sucesso foi bem pequeno. A ascensão do Metodismo, sob Whitefield e Wesley, fez mais pela Não Conformidade do que todos os militantes pela liberdade religiosa que já viveram. O objetivo era a glória de Deus e a conversão das almas. O fim alcançado foi o despertar das igrejas e o renascimento da doutrina evangélica. Mas, como consequência mais remota, toda a posição dos Dissidentes foi elevada, e tornou-se impossível mantê-los em posição inferior.

Como uma força vulcânica que não pode ser contida, mas move todas as coisas de acordo com sua vontade, o poder da piedade vital causou uma reviravolta geral e derrubou instituições perseguidoras que pareciam ter sido construídas sobre uma rocha. A igreja de Deus despertada começou novamente a buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça, e outras coisas foram acrescentadas a ela, pelas quais ela mal esperava. Ela não agarrou mais a arma de madeira do mero intelecto, mas tomou como sua palavra de ordem “a espada do Senhor e de Gideão”, e suas vitórias foram certas.

Neste momento, consideramos necessário insistir que o verdadeiro poder da Não Conformidade ainda deve ser encontrado na verdadeira doutrina, no viver santo, no zelo ardente e na fé simples. Estimule por todos os meios aquelas reformas justas que darão igualdade religiosa a todos os homens, mas não negligencie os assuntos mais importantes: “Vocês devem praticar estas coisas, sem omitir aquelas”.[\[39\]](#)

Se nossos púlpitos forem infectados por erros que obscurecem a expiação, se nossos membros se tornarem mundanos e mornos, e se a vida de piedade e o poder da oração se enfraquecerem em nossas igrejas, a força essencial da Não Conformidade desaparecerá. As assinaturas da Sociedade de Libertação podem não diminuir por uma geração, e os fundos de nossas várias instituições podem até mostrar um aumento, mas o verme está na raiz e, se a espiritualidade declinar e a verdade for desvalorizada, em poucos anos certamente a podridão aparecerá.

Nada pode servir tanto aos fins da nossa igreja semipapista oficial quanto a dissidência não espiritual. “Fui levado à igreja paroquial”, disse-nos um batista devoto outro dia, “porque o único lugar dissidente perto de mim era uma capela independente, onde o ministro não pregava o evangelho como eu costumava ouvir. Não, nem mesmo o evangelho. Encontrei mais alimento para minha alma sob um clérigo evangélico do que na capela e assim fui à igreja muito contra minha vontade”.

Ouvimos outros dizerem: “As pessoas na capela batista estavam tão mortas e a doutrina era tão elevada que não pude me juntar a elas. Andei vários quilômetros para ouvir um pastor piedoso em uma pequena igreja e, por mais que eu não goste de sua forma de oração, eu a suporto por causa do evangelho que o bom homem nos transmitiu”.

Tais coisas não deveriam ocorrer; mas tememos que elas estejam se tornando muito comuns. Onde a velha fé ortodoxa é pregada com o Espírito Santo enviado do céu, os erros são apontados claramente e a verdade é declarada, nosso povo se torna Não Conformista até a espinha. Nenhum verdadeiro homem de Deus sacrificará as doutrinas vitais da Palavra de Deus, o bem de sua alma e a esperança de ver seus filhos convertidos em razão de temas que são importantes, mas secundários.

Tememos que, em certos setores, a Não Conformidade precise gritar: “Salva-me dos meus amigos”. Os homens da “cultura moderna” estão minando a estrutura que eles professam construir, os pretendentes à pregação intelectual estão obscurecendo o evangelho que deveriam proclamar, e os cavalheiros de gosto estético estão imitando o ritualismo contra o qual deveriam ter

priorizado o protesto. Confessamos que não entendemos por que certas pessoas estão conosco, elas estariam mais à vontade no campo oposto. Um Não Conformista, e ainda usa uma liturgia! Se um homem pode trazer a mente para um culto litúrgico, é um mero capricho que o faz buscar uma melhoria em nossa Igreja Nacional.

Um Dissidente que não sabe por que discorda, e só o faz por motivos políticos ou pela força da educação, é uma fraqueza para aqueles entre os quais ele se encontra; mas um Dissidente que realmente leva outros para a própria igreja da qual ele professa discordar é muito pior, ele é um traidor na prática e não deve ser tolerado. Se tivéssemos um mandado para servir às partes aqui pretendidas, não demoraríamos a encontrá-los.

Precisamos neste momento tornar nosso protesto espiritual e doutrinário mais claro do que tem sido. Uma sociedade poderosa representa nossas demandas políticas, mas não temos nenhuma organização que promova nossos desígnios muito mais elevados. Por quê? A dissidência é representada politicamente, mas não doutrinariamente. Como pode ser este o caso? Certamente, o segundo é de longe o mais importante.

Se a atual Igreja Anglicana deixasse de ser oficial amanhã, deveríamos conscientemente discordar dela tanto quanto sempre, pois nossas diferenças são solenes, graves, vitais e não se limitam a ela ser uma igreja estatal. É uma pena que esse fato seja tão pouco lembrado.

Como é que os Não Conformistas são tão pouco instruídos nos grandes princípios religiosos pelos quais justificam sua posição divergente? Como é que eles se dão tão pouco ao trabalho para instruir os outros? É mais agradável falar de política do que pregar a Cristo? Há mais encantos em guerrear contra carne e sangue do que em lutar com maldades espirituais em lugares elevados?

Nosso apelo é para dissidentes à moda antiga, para quem protesta acerca de doutrinas, para a piedosa Não Conformidade com o mundo, para uma piedade mais profunda e uma doutrina mais sã. Devemos tê-los ou a causa cairá — e merece cair. A vida de Deus na alma é uma força que nada pode frustrar, e tem poder, como a espada flamejante do querubim às portas do Éden, para provocar reviravoltas: “Não há ninguém assim, dê para mim”.

Podemos ser mal interpretados neste artigo, e alguns podem supor que estamos mudando nossa temática, mas errarão muito se pensarem assim. Anteriormente, exortamos cada cristão a exercer o direito de voto e usar seus privilégios políticos como à vista de Deus, e ainda o fazemos com igual energia. Mas isso não é de forma alguma tão vital, ou tão essencial para os melhores interesses da Não Conformidade quanto a solidez da fé e a profundidade da piedade.

Valorizamos a agência que protesta contra a injustiça que patrocina uma seita, mas acreditamos que isso não é tudo. Deveria haver uma organização poderosa para temas espirituais, cujo único negócio deveria ser expor os pecados originais do corpo anglicano e expor os erros sempre crescentes dentro de seu âmbito. Se alguma vez esse trabalho precisou ser feito, é agora. Ele poria o machado à raiz da árvore e faria muito mais no intento de desestabilizá-la do que qualquer outra agência imaginável, com a única exceção da própria igreja, que está fazendo tudo o que pode para sua própria derrubada.

De nossa parte, gostaríamos de ver uma igreja Episcopal evangélica vigorosa nesta terra, livre do Estado e expurgada do papado. Não temos inimizade em nosso coração com qualquer ramo da verdadeira igreja de Cristo, mas desejamos vê-la florescer e encher a terra de frutos. Porém, a atual miscelânea deve ser exterminada ou consertada.

Essa situação não pode ser descrita por nenhum termo: são o bem e o mal, a luz e as trevas, o papado e o protestantismo — e enquanto o mal neutraliza o bem, o bem ajuda o mal a fazer seu trabalho malicioso.

Ó, Senhor, por quanto tempo mais! Almas estão sendo arruinadas em massa pelos ensinamentos da alta igreja, e a igreja baixa ajuda ao se associar a essa obra mortal. Isso toca nossa alma. Fim de festa não temos; mas o evangelho de Deus, o bem das almas, a honra de Jesus... todos exigem de nós que essa corporação maligna não escape da repreensão e que a ela resistamos com a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus.

Não há ninguém que pense conosco, seja capaz e queira fazer da nossa sugestão um fato?-[40]

12. Influência da religião na política Anseio pelo dia em que os preceitos da religião cristã serão a regra entre todas as classes de homens, em todas as transações. Muitas vezes ouço dizer: “Não traga religião para a política.” É precisamente aí que ela deveria estar e posta lá, na face de todos os homens, como em um castiçal. Eu gostaria que o Gabinete e os membros do Parlamento fizessem o trabalho da nação como diante do Senhor, e eu gostaria que a nação, seja na guerra ou na paz, considerasse o assunto à luz da justiça. Devemos lidar com outras nações sobre isto ou aquilo segundo os princípios do Novo Testamento.

Agradeço a Deus por ter vivido para ver a tentativa feita em um ou dois casos, e oro para que o princípio se torne dominante e permanente! Já estamos fartos de homens inteligentes sem consciência — vejamos agora o que homens honestos e tementes a Deus vão fazer! Mas nos dizem que devemos estudar “interesses britânicos”, como se nem sempre fosse do mais verdadeiro interesse de uma nação fazer o que é certo! “Mas devemos seguir nossa política.” Eu digo: não! Deixe as políticas fundadas no erro serem lançadas como ídolos às toupeiras e aos morcegos!

Permaneça com a mais admirável das políticas: “Como você gostaria que os homens fizessem com você, faça você também com eles da mesma forma”. Se somos reis, rainhas, primeiros-ministros, membros do Parlamento ou lixeiros, essa é a nossa regra se formos cristãos! [...]

A piedade deveria influenciar tanto a Câmara dos Comuns quanto a assembleia de teólogos. Deus conceda que chegue o dia em que a maliciosa divisão entre coisas seculares e religiosas não mais se ouvirá falar, pois em todas as coisas os cristãos devem glorificar a Deus, de acordo com o preceito: “Quer comais ou bebais, quer façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus”.

[\[41\]](#)

13. Quando a política cumpre a vontade de Deus

Eu não sei se você geralmente lê o jornal diário. Penso que podemos criar uma “Sociedade para a Supressão do Conhecimento Inútil”, pois muito do que aparece nos jornais é apenas isso, e muito tempo é desperdiçado lendo o jornal. Mas, às vezes, temos uma joia entre as notícias e, a meu ver, havia uma joia contida em um telegrama da Reuters, do Rio de Janeiro, do dia 10 de maio: “A Câmara dos Deputados do Brasil votou a abolição imediata e incondicional da escravidão no Brasil”.

Meu coração se alegrou ao ler aquele parágrafo! Espero que isso não signifique que essa votação possa ser derrotada em alguma outra Câmara, ou que a abolição possa ser impedida por algum outro poder. Mas, se isso significa que a escravidão deve ser abolida imediata e incondicionalmente no Brasil, peço a todos que agradeçam a Deus e se regozijem em seu nome! Onde quer que a escravidão exista, é uma terrível maldição, e sua abolição é uma bênção indescritível. Todos os homens livres devem louvar a Deus, especialmente aqueles a quem Cristo libertou, pois eles são “livres de fato”.

Não vou pregar sobre a escravidão no Brasil e, ainda assim, a mensagem sobre a abolição será grande parte do meu tema. Há outra escravidão, uma escravidão na qual nascemos, uma escravidão na qual vivemos e, infelizmente, uma escravidão sob a qual alguns de nós ainda sofrem. E Jesus Cristo veio, como o Grande Libertador, “para proclamar liberdade aos cativos”.

Não há dúvida sobre essa emancipação! Não foi uma Câmara dos Deputados que a votou e não é algo que possa ser rejeitada por outro órgão parlamentar. Jesus Cristo, o Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores, ele mesmo veio com autoridade divina — autoridade que

nunca deve ser questionada ou contestada — para proclamar a liberdade da escravidão do pecado!

Quando havia uma proclamação real a ser feita nos tempos antigos, costumavam empregar homens para ir com trombetas pelas ruas da cidade e pelas aldeias e vilas do país, a fim de convocar o povo à região do mercado e ouvir a mensagem do rei. É para isso que estou aqui esta noite, para soar a trombeta do evangelho da melhor maneira possível e fazer esta proclamação: “Ó sim, ó sim, em nome do grande Rei dos Reis, há liberdade para os escravos aprisionados por Satanás, livramento para os que estão cativos do pecado”. Vou proclamar essas boas novas com todas as minhas forças e com alegre seriedade, para dizer aos escravos do pecado e de Satanás que há liberdade para eles por meio do Grande Emancipador, nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo!-[42]

14. Regeneração nacional sem regeneração pessoal

“O que vocês acham? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se desgarrar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se desgarrou? E, se consegue encontrá-la, em verdade lhes digo que ficará mais alegre por causa desta do que pelas noventa e nove que não se desgarraram.” (Mt 18.12-13). Essa passagem ocorre no contexto de um discurso de nosso Salvador contra desprezar um daqueles pequeninos que creem nele. Ele prediz uma terrível condenação para aqueles que, em seu desprezo pelos pequeninos, os fazem tropeçar, e proíbe esse desprezo por uma variedade de argumentos convincentes, sobre os quais não podemos nos deter agora. Há uma tendência, aparente neste tempo presente, de pensar pouco na conversão de indivíduos e considerar a obra do Espírito Santo em cada pessoa separada como um negócio muito lento para esta era progressista.

Ouvimos grandes teorias sobre um tipo de teocracia desconhecido para a Sagrada Escritura — um domínio semipolítico do Senhor sobre as massas em que os indivíduos não são regenerados. Ouvimos palavras grandiosas sobre a elevação das nações e o avanço da raça. Mas essas ideias sublimes não produzem fatos, nem têm qualquer poder moral. Nossos mestres “cultos” estão cansados do trabalho monótono de trazer à luz as almas individuais. Eles querem fazê-lo por atacado, por um processo muito mais rápido do que o da salvação pessoal. Eles estão cansados das unidades, suas grandes mentes se concentram na “solidariedade da raça”.

Sou ousado em afirmar que, se alguma vez desprezarmos o método de conversão individual, entraremos em uma ordem de coisas doentia e naufragaremos nas rochas da hipocrisia. Mesmo naqueles tempos gloriosos em que o evangelho terá curso mais

livre, será mais rápido e mais amplamente glorificado, seu progresso ainda ocorrerá da maneira tradicional, de convicção, conversão e santificação de indivíduos. Indivíduos que individualmente devem crer e ser batizados, de acordo com a Palavra do Senhor.

Temo que em qualquer um de vocês tenha o mínimo desprezo pela ovelha perdida por causa dos grandes e filosóficos métodos que atualmente são tão alardeados. Eu não gostaria que você trocasse o ouro do cristianismo individual pelo metal básico do socialismo cristão.

Se os andarilhos devem ser trazidos em grande número, como eu oro que sejam, ainda assim isso deve ser realizado trazendo-os um por um. Tentar a regeneração nacional sem regeneração pessoal é sonhar em erguer uma casa sem tijolos separados. Na vã tentativa de trabalhar no bruto, podemos perder o resultado prático que teria seguido o trabalho em detalhes. Vamos estabelecer em nossas mentes que não podemos fazer melhor do que obedecer ao exemplo de nosso Senhor Jesus, apresentado a nós no texto, e ir atrás da ovelha que se desgarrou.

Nosso texto nos adverte que não devemos desprezar uma pessoa, mesmo por causa do mau caráter. A primeira tentação é desprezar um porque ele é apenas um. O próximo é desprezar um porque aquele é tão pequeno. A próxima e talvez a forma mais perigosa da tentação é desprezar um porque ele se extraviou. O indivíduo não está no caminho certo, não obedecendo à lei, nem refletindo crédito sobre a igreja, mas fazendo muito que aborrece o espiritual e entristece o santo. Contudo, não devemos desprezá-lo. Leia o décimo primeiro versículo: “O Filho do homem veio salvar o que estava perdido”.[\[43\]](#)

15. Pregação santa Todo ensino que ministramos deve ser a santa verdade de Deus, e não sonho da sabedoria humana.

Se ouço falar de um ministério que não promove conversões, geralmente descubro que não é um ministério santo. Se no seu ensino não há nada que seja pensado para converter pecadores, não podemos admirar que não seja usado para esse fim.

Se eu for pescar com uma rede rasgada, é de se admirar que eu não pegue nenhum peixe? Deus não converterá almas com sermões profanos, pois não seria para sua glória fazê-lo. A instrumentalidade deve ser adequada para o fim que visa, e os sermões para salvar almas devem lidar com o pecado, a salvação e com o sangue de Jesus!

O que temos a ver com temas estranhos aos nossos desígnios? Se eu viesse aqui e falasse com você sobre greves, o governo ou socialismo, e você orasse a Deus para converter almas pelo meu discurso, não seria isso uma zombaria ou algo ainda pior? Eu penso que sim.

Sião deve ter uma pregação santa se quiser ter poder de conquista. O que quer que falte ao nosso ministério, deve ser dito: “Haverá santidade”, ou haverá morte na panela. Oh, que o pregador seja sempre santo! A menos que preguemos um Deus santo, uma doutrina santa, um evangelho santo e uma prática santa, nós semeamos o vento!-[44]

16. Prioridades: a política do coração

Desejo me referir a um personagem muito comum nas grandes cidades — não tenho certeza de quanto é comum, mas é: o político reformador. Eu valorizo muito nossos políticos, mas não precisamos ficar sobrecarregados com aqueles que brigam em bares e salas de discussão enquanto suas famílias passam fome em casa. Alguns homens que passam muito tempo pensando sobre política dificilmente estão beneficiando a comunidade tanto quanto imaginam.

Vou supor que estou me dirigindo a um homem que sente que os assuntos internos e externos da nação são sua área particular de atenção. Bem, meu respeitado amigo, acredito que você ocupe um lugar útil na economia, mas quero fazer-lhe uma ou duas perguntas dignas da consideração de um reformador ou de um conservador: você, que tem procurado abusos, não identifica abusos em sua vida que precisam ser corrigidos?

Não há dúvida de que o Projeto de Lei de Reforma^[45] foi necessário, mas você não acha que um Projeto de Lei de Reforma é necessário para alguns de nós em casa, em referência ao nosso caráter e, especialmente, em referência à nossa relação com nosso Deus e Salvador? Penso que só quem é ignorante de si mesmo negará isso. Seria muito bom começar em casa, e deixar a política de nossa casa e de nosso coração ser consertada, e isso imediatamente!

Você tem em mente um projeto completo para pagar a dívida nacional, elevar a nação, remodelar a marinha, melhorar o exército, administrar as colônias, libertar a França e estabelecer a melhor forma de governo na Europa. Mas temo que seus projetos não possam ser realizados tão logo quanto você deseja. Posso lhe sugerir que seu próprio coração precisa ser renovado pelo Espírito de Deus, seus muitos pecados precisam ser removidos pela

expição de Jesus, e toda a sua vida requer uma mudança profunda e radical? E essa é uma medida prática à qual nenhuma aristocracia se oporá, que nenhum interesse pessoal derrotará e que não precisa ser adiada até a próxima eleição ou até a chegada de um novo primeiro-ministro!

Atrevo-me a dizer que você enfrentou muita oposição e espera enfrentar muito mais ao levantar a importante questão que levantou, mas, ah, meu amigo, você não vai, às vezes, levantar questões com sua consciência? Você não discutirá com sua natureza interior as grandes verdades que Deus revelou? Não valeria a pena pelo menos passar algum tempo em sua câmara dos deputados privada, consigo mesmo, pensando no agora, no passado e no porvir — considerando Deus, Cristo, céu, inferno e a sua própria conexão com tudo isso?

Eu lhe pergunto: parece-me ser a maior de todas as inconsistências que um homem se julgue capaz de guiar uma nação e, ainda assim, perca a própria alma. Que ele tenha planos para transformar este mundo em um paraíso e, ainda assim, perca o paraíso para si mesmo. Que ele se posicione violentamente contra a guerra e todos os tipos de males e, ainda assim, esteja em guerra com Deus, sendo ele mesmo escravo do pecado. Ele deve falar de liberdade enquanto está algemado por suas luxúrias e apetites? Ele pode ser escravo do álcool e ainda ser o campeão da liberdade? Aquele que ensina a liberdade deve ser livre. É doentio ver um homem lutando pelos outros sendo ele mesmo cativo.

Organizar os assuntos da nação e destruir a si mesmo é tão tolo quanto Aitofel, [\[46\]](#) que pôs sua casa em ordem e se enforcou. [\[47\]](#)

Sobre o autor

Charles Haddon Spurgeon nasceu em 19 de junho de 1834, em Kelvedon, Essex, na Inglaterra, o primeiro de 17 filhos. Ele foi convertido aos 16 anos, em uma tempestade de neve, por meio de um pregador leigo, e, um ano mais tarde, se tornou o pastor da Capela Waterbeach, em Cambridge. Nunca teve qualquer formação teológica formal. No entanto, foi, talvez, o pastor mais lido na Inglaterra.

Cerca de três anos mais tarde, em 1854, com 19 anos, ele começou seu ministério na New Park Street Church, em Londres, com cerca de 200 pessoas. Dois anos depois, 1856, ele se casou com Susannah Thompson, que lhe deu dois filhos gêmeos, Charles e Thomas (que sucedeu ao pai como pastor após a sua morte). Ele pregou nessa igreja, que mais tarde passou a se chamar Tabernáculo Metropolitano, por 38 anos e morreu com 57 anos, em 1892.

Spurgeon é considerado por muitos como um dos maiores pregadores desde os dias dos apóstolos. Ele havia pregado mais de 600 vezes antes que atingisse os 20 anos de idade.

Naqueles tempos pré-rádio, pré-televisão e pré-internet, seus sermões vendiam cerca de 20.000 exemplares por semana, sendo traduzidos para 20 idiomas. Os sermões em coleção preenchem 63 volumes, equivalentes aos 27 volumes da nona edição da Enciclopédia Britânica, e se destacam como o maior conjunto de livros escritos por um único autor na história do cristianismo. Não havia microfones e ele projetou sua voz de forma que mais de 5.000 pessoas pudessem ouvi-lo semana após semana. [\[48\]](#)

John Piper

Conheça outras obras da





O MELHOR DE CHARLES SPURGEON — CRISTO, NOSSA PÁSCOA Charles Spurgeon

Este primeiro livro da coleção *O melhor de Charles Spurgeon* é formado pela união de dois sermões pregados por Spurgeon, em 1855, na New Park Street Chapel, em Londres. São duas mensagens que, juntas, formam uma bela unidade e se complementam, ao apontar Jesus como o nosso Cordeiro Pascal. A GodBooks convida você a se deleitar espiritualmente com as palavras divinamente iluminadas de Charles Haddon Spurgeon, que nos confrontam, desafiam e conduzem para perto de Jesus de Nazaré.



AVIVAMENTO — OBRA EXTRAORDINÁRIA DE DEUS **Augustus Nicodemus**

Neste livro definitivo sobre o assunto, Augustus Nicodemus usa de rigor na exposição da Palavra de Deus para desvendar o significado preciso e escriturístico de avivamento bíblico e combater todo ensinamento equivocado sobre o assunto. A obra, que conta com prefácio de Hernandes Dias Lopes, faz uma profunda análise sobre o sentido correto desse fenômeno tão desejado por todo cristão: o avivamento bíblico.

UNIDADE PERFEITA

A VONTADE DE CRISTO
PARA SUA IGREJA IMPERFEITA

▼
De SIMÃO • Cláudio COSTA MURIEL
De JO. DE CERRA • Fátima LABATUT
Carmen FALFARO • Igor MIGUEL
João Paulo BARRO • Paulo H. ABRA
Miguel • EUSTO JÚNIOR
Vitoria BELMONTE • Willen DOUGLAS
▲

god
books

INCLUÍDO NA BOM
BIBLIA

UNIDADE PERFEITA

Durvalina Bezerra, Maurício Zágari, William Douglas, Igor Miguel, Carol Bazzo e outros

Em *Unidade perfeita*, onze autores de diferentes linhas do cristianismo refletem sobre os benefícios que advêm da unidade do corpo de Cristo e os malefícios decorrentes do sectarismo em áreas que vão desde a santidade pessoal e a influência da igreja na sociedade até os esforços missiológicos, acadêmicos e evangelísticos.

AUGUSTUS NICODEMUS

SEXO E SANTIDADE

VIVA SUA SEXUALIDADE
COMO DEUS A PLANEJOU

gato
books

SEXO E SANTIDADE

Augustus Nicodemus

Em tempos de grande confusão sobre a sexualidade sadia, muitos cristãos acabam imersos em questionamentos sobre como lidar com essa área de sua vida sem negociar a fidelidade a Deus. É possível extrair o máximo de prazer do sexo sem acabar imerso em pecado e culpa? Como podemos ter uma vida sexual plena, intensa e prazerosa diante de nossas inclinações e de uma sociedade que questiona incessantemente o sexo bíblico? É o que Augustus Nicodemus responde em *Sexo e santidade*.

HEBER CAMPOS JR

FELICIDADE VERDADEIRA



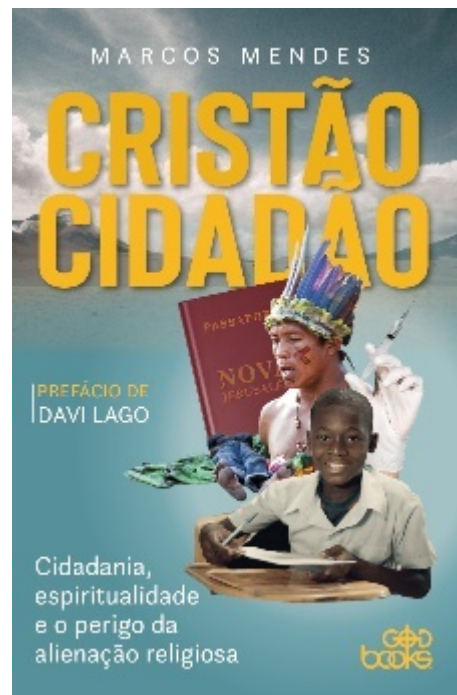
As lires afortunadas e o real
algun nos filhos de Deus

cap
table

FELICIDADE VERDADEIRA

Heber Campos Jr.

As bem-aventuranças são um tratado sobre a verdadeira felicidade cristã. Para que você possa compreender com exatidão o que é a real alegria de um filho e uma filha de Deus, à luz do evangelho de Cristo, é necessário determinar o que define a vida de quem é verdadeiramente regenerado pelo Espírito Santo. E é isso que Heber Campos Jr. faz, com primazia, em *Felicidade verdadeira*.



CRISTÃO CIDADÃO

Marcos Mendes

Grande parcela da igreja tem se mostrado irrelevante na transformação de realidades cruéis que atingem milhões de pessoas. Em grande parte, isso se deve a um pensamento que faz separação entre a espiritualidade e a cidadania do cristão. Este livro busca estimular cada cristão a tornar sua fé cada vez mais relevante na sociedade, com impactos de fato transformadores sobre o mundo ao redor.



UM CARÁTER MAIOR QUE O MINISTÉRIO

Felipe Freitas

Ao analisar o fenômeno do insucesso pastoral, que muitas vezes é acompanhado do abandono do ministério, Felipe Freitas estudou sobre a missão, a devoção, os desafios e a experiência de heróis da fé. A constatação é que todos os principais líderes da história da igreja tiveram algo em comum: *um bom caráter*. Com prefácio de Luiz Sayão, este livro propõe um caminho seguro e bíblico para um desempenho discipular de excelência.

Adquira: www.godbooks.com.br
Siga-nos nas redes sociais: [@editoragodbooks](https://www.instagram.com/editoragodbooks)

[1] NOTAS

A. Cunningham Burley, *Spurgeon and His Friendships*. London: The Epworth Press, 1933, p. 128.

[2] N. do E.: Nesse contexto, Escolhas Sabatinas (do inglês, *Sabbath Schools*) não sectárias eram escolas para crianças carentes que as instruíam no básico da educação, como aritmética, escrita e leitura, bem como instrução moral e religiosa. Tais instituições funcionavam como importante ponte de acesso para escolas públicas nas primeiras décadas do século 19. Cf. Paul D. Sanders. “The Sabbath School Movement, Two Early Children’s Psalm Books, and Their Influence on the Introduction of Public School Music Education in the United States”. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/26478002>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[3] “Política e a separação entre Estado e religião”. In: *Ordained Servant*, Publicação do Comitê de Educação Cristã da Igreja Presbiteriana Ortodoxa, vol. 5, n. 1, p. 14-15. Disponível em: <<https://opc.org/OS/pdf/OSV5N1.pdf>>. Acesso em: 22 de abr. de 2022.

[4] N. do E.: Referência ao puritano Oliver Cromwell (1599-1658), político, parlamentar e militar inglês que teve grande importância na história política da Grã-Bretanha.

[5] N. do E.: Owenismo é uma filosofia socialista utópica proposta pelo reformador social Robert Owen, no século 19, bem como por seus adeptos, conhecidos como owenitas. O owenismo tinha como meta uma reforma radical da sociedade e é considerado um precursor do movimento cooperativo e do movimento sindical britânico. Os owenitas estabeleceram várias comunidades, mas tais esforços foram em grande parte malsucedidos, como o projeto em New Harmony (EUA), iniciado em 1825 e abandonado em 1829.

[6] Trecho do sermão *Liberdade espiritual*, proferido na manhã de 18 de fevereiro de 1855, no Exeter Hall. Disponível na íntegra em: <<https://www.spurgeon.org/resource-library/sermons/spiritual-liberty/>>. Acesso em: 22 de abr. de 2022.

[7] N. do E.: Referência ao pregador George Whitefield.

[8] N. do E.: Referência ao texto bíblico que serviu de base para o sermão, 2Pedro 1.10-11: “Por isso, irmãos, procurem, com empenho cada vez maior, confirmar a vocação e a eleição de vocês; porque, fazendo assim, vocês

jamais tropeçarão. Pois desta maneira é que lhes será amplamente suprida a entrada no Reino eterno do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”.

[9] Trecho do sermão *Eleição particular*, proferido na manhã de 22 de março de 1857, no Music Hall, em Royal Surrey Gardens. Disponível na íntegra em: <<http://www.spurgeongems.org/tulip-2b.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[10] N. do E.: Salmos 2.2.

[11] N. do E.: 1Coríntios 1.26.

[12] N. do E.: Trecho do hino *Condescending Grace*, de Isaac Watts (1674-1748).

[13] Trecho do sermão *Sem lugar para Cristo na hospedaria*, proferido na manhã de 21 de dezembro de 1862, no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra em: <<https://www.spurgeongems.org/sermon/chs485.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[14] Trecho do sermão *Ação de graças e oração*, proferido na manhã de 27 de setembro de 1863, no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra em: <<https://www.spurgeongems.org/sermon/chs532.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[15] Trecho do sermão *Por que o evangelho está encoberto?*, proferido na noite de 11 de fevereiro de 1866, no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra em: <<https://www.spurgeongems.org/chsbm58.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[16] N. do E.: Os tractarianos eram, em grande parte, membros da Universidade de Oxford que, na primeira metade do século 19, reafirmavam a Igreja Anglicana como descendente direta da igreja estabelecida pelos apóstolos. Receberam esse nome porque um dos principais métodos utilizados para propagar suas ideias era a publicação de panfletos (em inglês, *tracts*).

[17] N. do E.: Hugh Latimer (1487-1555) foi bispo de Worcester durante a Reforma e, posteriormente, capelão da Igreja Anglicana na época do rei Eduardo VI. Foi martirizado durante o reinado da católica Maria I, e morreu queimado na fogueira.

[18] N. do E.: Romanos 3.20.

[19] N. do E.: Romanos 5.1.

[20] N. do E.: O socinianismo é uma doutrina que não crê na Trindade, acredita que a Bíblia tem de ser interpretada pela razão, rejeita mistérios, entende que a razão é capaz de compreender Deus para a salvação e rejeita a doutrina do pecado original.

[21] Trecho do sermão *O estandarte erguido diante do inimigo*, proferido na manhã de 28 de outubro de 1866, no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra em: <<https://www.spurgeongems.org/sermon/chs718.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[22] N. do E.: Lucas 20.20-26.

[23] Trecho do sermão *Perguntas do dia e a pergunta do dia*, proferido na manhã de 26 de janeiro de 1873, no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra em: <<https://www.spurgeongems.org/sermon/chs1093.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[24] N. do E.: Jules Michelet (1798-1874) foi um historiador francês que traduziu e organizou a obra *Memórias de Lutero escritas por ele mesmo* (1835).

[25] N. do E.: No original, *Church Defense Association*.

[26] N. do E.: Edward Miall (1809-1881) foi ministro congregacional, fundador do *The Nonconformist*, jornal semanal no qual ele defendia a causa. Miall acreditava que, para que os objetivos da Não Conformidade fossem alcançados, o movimento deveria ter uma forte representação no Parlamento. Como resultado, em 1852, havia quarenta Dissidentes na Câmara dos Comuns. Apesar disso, nunca alcançou maioria parlamentar capaz de desestabilizar a primazia da Igreja Anglicana.

[27] N. do E.: No original, *Liberation Society*.

[28] N. do E.: No original, *Metropolitan Tabernacle Pulpit*.

[29] N. do E.: No Reino Unido, o partido político Whig era liberal e o partido Tory era conservador.

[30] N. do E.: Cidade das planícies da Galileia que foi amaldiçoada pelo Anjo de Deus no cântico de Débora e Baraque em razão de os habitantes não terem se disposto a ajudar os israelitas na batalha contra o exército de Sísera. Cf. Juízes 5.23: “Amaldiçoem Meroz, diz o Anjo do Senhor, amaldiçoem duramente os seus moradores, porque não vieram em socorro do Senhor, em socorro do Senhor e seus heróis”.

[31] Artigo “Um Dissidente Político”, publicado na edição de março de 1873 da *Sword and Trowel*, revista mensal que Spurgeon passou a editar a partir de 1865. O periódico publicava artigos, tratados, poesias e críticas literárias, além de desdobramentos dos sermões do pregador. Neste texto, procuramos manter as maiúsculas e os itálicos de acordo com o texto original, mas trocamos a pontuação em alguns momentos, segundo o padrão brasileiro, para um maior entendimento do leitor.

[32] N. do E.: Do latim “ele mesmo disse”, é uma falácia, uma afirmação sem prova, uma expressão dogmática de opinião. O propositore do *ipse dixit* defende uma ideia afirmando, sem justificativas, que ela é uma questão imutável e intrínseca.

[33] N. do E.: Referência ao evangelista arminiano Dwight Lyman Moody (1837-1899).

[34] N. do E.: Referência ao cantor e compositor Ira David Sankey (1840-1908), conhecido como “A doce voz do metodismo”, associado do evangelista Dwight L. Moody.

[35] N. do E.: 1Coríntios 7.23.

[36] Trecho do sermão *A redenção e suas exigências*, proferido na noite de 8 de março de 1874, no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra

em: <<https://ccel.org/ccel/spurgeon/sermons20/sermons20.xiv.html>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[37] N. do E.: Referência aos primeiros cristãos, convertidos após a pregação de Pedro no dia de Pentecostes.

[38] Trecho de sermão *Adições à igreja*, proferido na manhã de 5 de abril de 1874, no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra em: <<https://www.spurgeongems.org/sermon/chs1167.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[39] N. do E.: Mateus 23.23.

[40] Artigo “O poder da Não Conformidade”, publicado na edição de julho de 1876 da revista *Sword and Trowel*. Procuramos manter as maiúsculas e os itálicos de acordo com o texto original.

[41] Trecho de sermão *A vela*, proferido na manhã de 24 de abril de 1881, no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra em: <<https://www.spurgeongems.org/sermon/chs1594.pdf>>. Acesso em: 13 de abr. de 2022.

[42] Trecho do sermão *Liberdade já e para sempre*, proferido na noite de 13 de maio de 1888, no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra em: <<https://www.spurgeongems.org/sermon/chs2371.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[43] Trecho do sermão *Uma ovelha perdida*, proferido na manhã de 28 de abril de 1889, no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra em: <<http://www.spurgeongems.org/sermon/chs2083.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[44] Trecho do sermão *Possuindo posses*, proferido na manhã de 23 de março de 1890, no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra em: <<https://www.spurgeongems.org/sermon/chs2136.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[45] N. do E.: Os Projetos de Lei de Reforma (em inglês, *Reform Bills*) foram uma série de propostas para modificar o processo de votação no Parlamento britânico, entre elas os Atos de Reforma de 1832, 1867 e 1884 (que visavam, entre outros pontos, aumentar o eleitorado para a Câmara dos Comuns e remover certas desigualdades na representação).

[46] N. do E.: 2Samuel 17.23.

[47] Trecho de sermão *Muito* singular, publicado em 5 de julho de 1906, pregado anteriormente no Tabernáculo Metropolitano. Disponível na íntegra em: <<https://www.spurgeongems.org/sermon/chs2995.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

[\[48\]](#) Extraído da palestra inaugural no Reformed Theological Seminary, em Orlando (EUA), em 10 abril de 2013.